CATALOGO

DO

MUSEU ARCHEOLOGICO

DA

CIDADE DE EVORA

ANNEXO DE SUA BIBLIOTHECA

COMPOSTO POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1903

CATALOGO

DO

MUSEU ARCHEOLOGICO

DA

CIDADE DE EVORA

ANNEXO DE SUA BIBLIOTHECA

COMPOSTO POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1903

Ao Illustre Ministro de Estado

DA

NAÇÃO PORTUGUESA

O Excellentissimo Senhor

ERNESTO RODOLPHO HINTZE RIBEIRO

Talento poderoso, espirito culto, português lidimo

A quem a Nação fica devendo a feitura e impressão d'este Catalogo

Publico testemunho de gratidão do

Autor.

Á MEMORIA

Saudosa e sempre tristemente lembrada

DO

DR. AUGUSTO FILIPE SIMÕES

CONSAGRA

Antonio Francisco Barata.

INSCRIÇÃO NA ENTRADA

RELLIQUIAS VETERUMQUE VIDES MONIMENTA VIRORUM

VIRGILIO.

INTRODUCÇÃO

Tem uma pequena historia este Museu, que aqui se põe resumidamente.

Pode-se affirmar que foi André de Resende, o famoso antiquario, quem, primeiro do que outros, dera começo a esta importante collecção archeologica, reunindo no quintal de sua casa historica bastantes inscripções romanas, arabes, hebraicas e portuguesas. Depois d'elle sempre Evora teve, mais ou menos, continuadores do gosto e amor ás antiguidades, chegando mesmo a ser tão exagerado em alguns esse amor que mereceu no seculo XVIII uma satira do padre Martim Cardoso de Azevedo (Amador Patricio) no livro, um tanto raro hoje, *Historia das antiguidades de Evora,* impresso em Lisboa em 1739.

No anno de 1802 trouxera comsigo de Beja algumas lapides, de pequeno porte, o grande homem D. Frei Manoel do Cenaculo Villas Boas, deixando lá ficar mais de cem, de maior tomo.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, e, depois d'elle, João Rafael de Lemos e o Dr. Augusto Filipe Simões foram augmentando a collecção, reunindo todas primeiramente na Bibliotheca, depois dentro do templo romano, chamado de Diana, e, por fim, nos baixos do palacio de D. Manoel, no jardim da cidade, pertença da camara municipal, onde se conservaram consideradas e sempre havidas como pertencentes á Bibliotheca Publica de Evora.

Por devoção do Dr. Augusto Filipe Simões e sua diligencia vieram de Beja as restantes do *Museu Cenaculo Pacense,* para que se não extraviassem como succedera a muitas.

Foi a collecção crescendo com a extincção dos conventos, de onde, em suas demolições, vieram vindo muitas campas e outros objectos.

Annexo á Bibliotheca possuia esta um grande armazem ou celleiro, que fôra da Mitra, por doação d'elle feita, a pedido do referido Dr. Simões, pelo fallecido Arcebispo D. José Antonio da Mata e Silva. Nesta casa se installou o novo museu.

Ao aetual conservador da Bibliotheca, o Sr. José Maria de Queiroz Velloso, se deve muito e muito, como não pouco ao zelo e amor do Sr. João Filipe Pereira Pinho, empregado das obras publicas do districto, que lhe fez a planta, e seguiu sempre as obras com desinteressada affeição. Tem sido um verdadeiro amigo e protector da Bibliotheca este prestimoso cidadão.

Já muito valioso, este Museu é o primeiro do país na vastidão e no avultado numero, principalmente de lapides romanas, que contém. Promette vir a ter desenvolvimento grande logo que os cidadãos de Evora e do districto se compenetrem da importancia de tal museu, se não para si proprios, certamente para os homens da sciencia de todo o mundo, que aqui veem por elle e por estudar as antiguidades da cidade em suas multiplas e interessantes manifestações.

Isto dito, como esclarecimento historico, escreverei um tanto sobre o trabalho do catalogo, no qual se omittem adjectivações sociaes aos nomes de cavalheiros e de corporações, que lhe offereceram objectos, sem que o facto exprima a menor desconsideração, mas sim suppressão fastidiosa da repetição d'esses adjectivos, que tantas vezes se empregariam: senhorias e excellencias, de não facil applicação hoje, não embargante a pragmatica conhecida, de atrasada doutrina.

Demanda de varios conhecimentos e de especial estudo a feitura de um catalogo completo, minucioso e erudito de um

museu archeologico-epigraphico, como é este de Evora: fallecem-me esses conhecimentos. Assim é que direi acêrca de cada objecto o que puder e souber, sem pretensão alguma de ficar perfeito o meu trabalho, se algum existe, que o seja.

Na epigraphia lapidar creio ter sido fiel ledor quanto o permittiram os caracteres damnificados, sendo certo que minhas leituras divergem muitas vezes de Hübner, Levy Maria Jordão e de Gabriel Pereira nos livros: *Corpus Inscriptionum Portugaliae, Inscriptiones* e *Estudos Eborenses,* como poderá verificar quem se der ao confronto.

Conjuntas e inclusas vão desdobradas, por não haver nas typographias communs caracteres especiaes que representem essas fantasias do gravador, se não caprichos do redactor das inscripções, e ser de grande dispendio a fundição *ad hoc* d'esses caracteres.

Subentenda-se que são gravadas em marmore de Estremoz ou de Vianna as inscripções omissas de indicação, com excepção das que, pelo não serem, levarem indicação propria da natureza da pedra: granito, ardosia, etc.

Do mesmo modo se não especifica a natureza dos marmores, nem sempre facil de bem classificar, pelas differenças confundiveis, que tem. É esta uma parte scientifica dispensavel ao visitante de um museu.

Tambem se não indica a grandeza das lapides, cousa sabida dos estudiosos com um *ora plus ora minus.* Esta doutrina tem applicação não só ás romanas, como ás arabes, hebraicas e gregas.

O que se observar da heraldica será com alguma verdade, consoante os poucos conhecimentos que tenho de tal estudo, algum tanto caprichoso.

Das inscripções arabes, gregas e hebraicas vão as leituras feitas por outrem, e não a representação de cada uma em caracteres proprios, por falta d'elles nas imprensas ordinarias e ainda pela difficuldade de os reproduzir em caracteres modernos, sendo elles archaicos. Só estampas o fariam bem.

Dos restantes objectos direi o que puder saber, com respeito ao local de seu apparecimento e applicações.

Por terminar: interessante fôra o catalogo se nelle se estudasse algum tanto a biographia dos mortos memorados nas lapides respectivas; mas, que de difficuldades! que de impossiveis!

Acêrca de um ou de outro português alguma cousa se faria; porem, que dizer dos romanos, dos arabes, dos hebraicos? Onde saber quem foram esses individuos ignorados, desconhecidos na historia? Sumiram-se no golfão preterito, como nelle se estão sumindo diariamente milhares, milhões em todo o mundo universo.

Permaneça, pois, a lacuna, attestadora do nada da humanidade, que bem poucos nomes salva em seus annaes dos muito notaveis nas armas, letras, virtudes.

Tal é o pouco de introducção, que preciso era se dissesse aqui succintamente, sem espraiamentos possiveis ostentadores de conhecimentos, que não tenho, e, por isso, havidos aos olhos da critica como pretensiosos, por emprestados.

Do meu amor a estes estudos, do quinhão de boa vontade posto neste trabalho, elle o dirá ao leitor em seu contexto.

Evora, dezembro de 1901.

Antonio Francisco Barata.

N.º 1

Estatua jacente do fundador da actual Sé de Evora, D. Durando Paes, fallecido em 2 de abril de 1321 (1283), embora a inscrição da capella-mor diga *annis,* cousa que não é rara. Ao longo da campa ha, numa só linha, esta inscrição, em gothico-monachal, que aqui se desdobra nas inclusas, que tem:

HIC : QUIESCIT : BONE : MEMORIE : DOMINUS : DURANDUS : EPISCOPUS : ELBORENSIS : QUI : DEDIT : INICIUM : HUIC : OPRI : CUJUS : ANIMA : REQUISCAT : IN : PACE : DEI :

Harmonizando-se esta inscripção com a da capella-mor da sé, que começa:

QUAM : LOCUPLETAVIT : PRAECIBUS

verifica-se que D. Durando deu começo á sé actual. Antes, porem, já existia uma primeira sé, como o dizem as *Memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra,* no *Port. Mon. Hist.:* «El Rey dom affonso anriquez tomou euora aos sarraziis e fez a see desse logo»— e André de Resende na *Historia das antiguidades da mui nobre e sempre leal cidade de Evora,* capitulo XV, diz: «Entretanto ha see se edificava hos diuinos officios se celebravam en hũ edificio que para ipso logo ij juncto se fez...» D'essa antiga sé subsiste o tumulo de Fernando Collo, da era de 1339 (1251), n.º 52.

No periodo de 32 annos, volvidos de 1251 ao da morte de D. Durando em 1283, é que se devia ter começado a obra, sem que se possa indicar o anno, que deve ser um depois do de 1267, crendo-se, naturalmente, que continuaria no episcopado

dos successores até D. Pedro II (57 annos), o qual lhe mandou fazer a crasta e falleceu no 1.º de julho de 1340, como diz a inscrição de sua campa, que começa:

E : M : CCC : LXX : VIII : ANOS...

a qual permanece na ultima capella da mesma crasta.
Foi depositada no Museu pelo reverendo cabido da sé.

N.º 2

Brasão da cidade de Evora, que estava na antiga *casa de ver-o-peso,* na rua do Raimundo. Deverá ser dos seculos XIII ou XIV. Só ha na cidade outro tão antigo: o que existe embebido numa parede da sé, que olha a sul sobre o terraço. Está neste o cavalleiro vestido de um mantão, que lhe tolhe os movimentos, e o da casa de ver-o-peso, catafracto ou vestido de armas. Mais perfeito é o da sé, se bem que tosco, e este, grosseiro, com pouco relevo nas figuras, cujos rostos são apenas vincados. Mais proximo da verdade historica deverá ser este, pelas razões expostas, e mais achegado á conquista. Alem das cabeças do mouro e da filha, tem duas aos pés do cavallo, cousa que symbolizará o não ter havido somente duas victimas sacrificadas ao furor christão na entrada da cidade, como é natural. O que mais notavel tem este, é um escudo no braço esquerdo, cujos emblemas heraldicos parece representarem ou rãs, ou sapos, ou aranhas. Se determinados, talvez os entendidos pudessem precisar a familia do guerreiro, e cair por terra a lenda do *Geraldo sem pavor,* o famoso capitão de *latronibus,* para ser elle um guerreiro christão de limpa e honesta familia, sem crimes, que o forçassem a andar foragido das justiças em terras transtaganas, ao tempo muito incultas. E como o foral da cidade diz que D. Affonso *que á sarracenis abstulimus,* e como escasseiam monumentos comprovativos da conquista da cidade, bem poderia elle ser um soldado de Affonso, que, com outros, em algara arrojada a entrassem de noite, empregando algum ardil perfidioso, como em Santarem.
Foi offerecido pelo Sr. Antonio Joaquim Ramos.

N.º 3

Brasão do reino, que estava encravado na parede sul do demolido convento do Paraiso. É da primeira dynastia, talvez do reinado de D. Fernando. Tem 18 castellos na orla e os escudetes centraes ainda teem os lateraes com a extremidade inferior para o centro, e não como os ordenou D. João II em 1484, perpendiculares com os tres do meio. Estes escudetes já teem cinco arruelas. Tem na parte superior um enfeite triogival muito elegante.

N.º 4

ESTA SEPULTURA HE DE RUI DA GRÃ | DO CÕSELHO DELREI DE PORTUGAL E CHANCELER MOR Ẽ SEUS REINOS E SEÑ | ORIOS FALECEO A DOZE DIAS DE NO | UẼBRO ERA DE B E XX ANOS E DE SUA MOLHER INES COREA E SEOS ERDEIROS.

Veiu do Convento do Paraiso, demolido hoje, onde estava em uma capella do côro de baixo. Não continha os restos mortaes do chanceler. Leia-se o que se escreveu sob o n.º 23.

N.º 5

AQUI JAZ RUI DA GRAM DO CÕ | SELHO DELREI DE PORTUGAL E CHÃCELER MOR EM SEUS REI | NOS E BARÃ DE IUSTO VIUER | E DE GRANDE AUTORIDADE E FALECEO A DOZE DIAS DE NOUẼ-BRO DE B E XX.

Veiu do demolido Convento do Paraiso, de Evora, onde estava no chão da capella, cujo arco de entrada é o n.º 23. Não cobria a ossada do morto. Leia-se o que se escreveu no citado numero.

N.º 6

Cenotaphio de fino marmore e de elegante desenho e execução do penultimo Bispo de Evora, D. Affonso de Portugal (1485–1522), progenitor dos Condes do Vimioso, com esta letra:

AQVI IAZ O REVERENDISSIMO E MVITO ILLVSTRE SENHOR DOM AFONSO DE PORTVGALL FILHO DO MARQVES DE VALENCA NETO DEL REI DOM Ŷ DE BOA MEMORIA E HERDEIRO DA CASA DE BRAGANCA FOI BP̃O DESTA CIDADE PORQVE ALLEM DA SUA DE VACAM QVIS EL REY DOM Ŷ O Ẑ QVE FOSSE CLERIGO FALECEO AOS XXIIII DIAS DE ABRIL ERA DE 1522.

Pelos dizeres, ali devia repousar o corpo do illustrado Bragança. Não era assim. Foi o Bispo sepultado em outro logar. Erguido o monumento pelo filho mais velho do Bispo, D. Francisco de Portugal, 1.º Conde do Vimioso, depois de 1522, nelle se guardou uma arca pequena com communicação com a parede externa da capella-mor, por onde seriam introduzidos os restos mortaes de D. Affonso, d'ali trasladados para a capella de Santa Helena, na sé, no dia 21 de julho de 1902, por seis horas da tarde com assistencia do Governador do arcebispado, Joaquim José Freire de Faria e Silva, do Prior da freguesia de S. Pedro, Antonio Jacinto da Cunha e de alguns seminaristas. Consistiam os restos mortaes em poucos ossos, vestes prelaticias de gorgorão roxo e fragmentos de um baculo, de madeira, bem obrado. Evidente se patenteou que o Bispo fôra sepultado em outro logar, de onde talvez, antes de 1549, foram exhumados e ali depostos na capella-mor do lado do Evangelho, no chão da qual jazera o filho (n.º 74).

Foi o monumento mandado apear a expensas proprias pelo generoso cidadão, o Sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona, com concessão do Ministerio da Guerra, cujo é o convento e igreja.

N.º 7

AQUI JAZ | R.º DURAM | FINOUSE NO | ANO DE 1Ϛ24.

Campa de grosseiro granito achada, em 1900, junto ao Seminario, onde servia de fundo a um cano de esgoto. Offerece alguma difficuldade sua leitura, por conter a abreviatura de Rodrigo de letra de mão, V cortado.

Caracteres gothico-quadrados.

N.º 8

SEPUL | TURA DÃ RIQ̃ BESTE | IRO Q̃ DẼS AJA DE 1521.

Campa de grosseiro granito e de toscas letras gothico-quadradas.

Não sei onde apparecera nem quando viera para o Museu.

N.º 9

Capitel arabe, em marmore, trazido de Montemor-o-Velho pelo Dr. Augusto Filipe Simões em 1870. Damnificado.

Por não pôr numeros em muitos capiteis de diversas epocas e estilos, aqui se indica a sua existencia no Museu, collocados onde melhor convinha.

N.º 10

Brasão de armas da familia Manedos. Escudo esquartelado. No primeiro quartel cinco estrellas de oito raios, em aspa; no segundo, cinco vieiras em aspa; no terceiro, tres paus nodosos; e no quarto, arvore despida de folhagem.

Estava num predio nobre, no Largo de S. Domingos, de Evora, ha pouco comprado em hasta publica pelo Sr. José

Braz Simões de Sousa, que o offereceu. Parece que fôra este predio do Visconde de Trancoso, Bartholomeu da Costa Geraldes Barba de Menezes, não ha muito fallecido, o qual nelle tinha, ainda ha pouco tempo, um foro, que pretendia comprar, logo que terminasse um pleito com a casa Alarcão, que já durava havia trinta annos! Do predio era senhorio directo o Seminario de Evora, e por herança pertencera, de facto, ao Visconde de Trancoso.

Fôra da familia Manedos, dos quaes nada sei ao presente.

N.° 11

Brasão de armas dos Vimiosos.

De prata, aspa de vermelho carregada de cinco escudetes das armas do reino e de quatro cruzes floridas de prata, vazias, de vermelho, alternando com os escudetes.

Estava sobre o arco da capella-mor da igreja do Convento de Santa Catarina, de Evora, demolido em 1902.

Differe do brasão descrito pelo Sr. Braamcamp Freire no tomo II dos *Brasões da Sala de Cintra,* a pag. 438.

Tambem falta nas do Conde do Vimioso e da irmã o filete de negro sobreposto em barra nas armas do reino, por differença. N.os 69 e 74.

N.° 12

Tumulo-ediculo de D. Alvaro da Costa, que foi guarda-roupa de El-Rei D. Manoel e seu camareiro-mor, que legou por sua morte a sua familia o officio de armeiro-mor dos reis. Fez á sua custa a igreja e capella-mor do demolido Convento do Paraiso, de Evora, onde mandou erguer este jazigo elegante e custoso, pura renascença, no qual se lê:

D · ALVARVS · COSTA HVJVS · | AEDIS · PATRONVS ♁ SIBI · ET · | SVIS VIVVS POSVIT ♁ · M · D · XXXV ·

Foi D. Alvaro da Costa padroeiro do convento por escritura da prioresa D. Joanna Correia, irmã da mulher do chan-

celler-mor, Ruy da Gram. Na capella-mor se sepultou mais do que um membro d'esta familia, como os filhos d'elle, D. Manoel da Costa, D. Duarte da Costa, e o neto, D. Francisco da Costa, morto em Africa.

Sobre o tumulo e no centro do ediculo ha um painel de azulejos hespanhoes, representando Nossa Senhora do Rosario, no meio, S. Domingos, á direita e Santa Catarina á esquerda. Os dois bustos que avultam em dois oculos do tumulo é possivel que o representem a elle e á esposa, D. Brites de Paiva. São seus representantes actualmente os membros da casa Mesquitella.

N.º 13

AQ[I] JAZ CRARA | . . . IGIZ TOUREGÃ FIRA DESTE Mº Q̃ ONSTAM[TE] CO UTUDE | NELLA PSUERA | DO ACABOU SUA UIDA O PMº DA D FEU[RO] A[NO] D JD8O | REC I PAC

Em caracteres gothico-quadrados, esta campa, aberta em granito grosseiro, tem aquella inscrição; diz respeito a uma filha de familia muito rica, que viveu em Evora no seculo XVI, acêrca da qual ha na bibliotheca da cidade alguns documentos, constando de um, os seus grandes haveres, ao enumerar diversos fidalgos e titulares que á casa Touregã deviam sommas consideraveis. (Cf. *Sepulturas do Espinheiro,* recempublicadas pelo Sr. Anselmo Braamcamp Freire, pag. 17).

Estava esta campa na claustra do mosteiro de S. Bento de Castris, extra-muros da cidade. Pedida ao Governo para o Museu e concedida, ao Sr. Visconde da Esperança se deve não só a tiragem e reparo do pavimento, como a conducção d'ella para a cidade, á sua custa. Tem uma pequena historia, que não cabe aqui, muito curiosa, por mostrar o que bem sabido é: as formalidades burocraticas e attribuições de ministerios e o zelo de seus empregados.

Não é de facil leitura tal inscripção.

N.º 14

AQUI ESTA SEPULTA | DO O M · R · DO^{R} CHRIS | TOVÃO SALEMA CO | REA FIDALGO CAPE | LÃO DE SUA MAGD^{E} | IMQUIZIDOR · E TIZO | UR^{O} MOR QUE FOI | NESTA IMQUIZIÇÃO | E SÉ DEUORA FA | LECEO EM 26 DE | ABRIL ANNO DE 1746.

Veiu do Convento de Santa Catarina esta campa.

Tem o brasão de armas dos Salemas e Correias, e por timbre um tanque, sobre o qual voa uma ave com uma salema no bico.

N.º 15

. . . . . . FILHO ⁝ DE ⁝ MTIN ⁝ BARUA ⁝ NETO ⁝ DE ⁝ VAASCO ⁝ MARTIZ ⁝ DE ⁝ RESEEND ⁝ E . . . .

Fragmento de bonita campa, achado no Convento de S. Francisco, no qual, em volta do brasão de familia, se lê o que fica em cima, em gothico monachal. Era a campa de um filho de Inês Vasques de Resende (que casara com Martim Barba) filha do quinto avô do Mestre André de Resende, de nome Vasco Martim de Resende.

Tem o brasão de armas dos Resendes e duas caldeiras, isto é: cabra no primeiro e alterno quarteis do escudo esquartelado, e caldeira no segundo e seu contrario.

N.º 16

Dois escudetes com as armas dos Grãs e dos Correias e dos Costas. Por detrás d'elles existia, na parede, uma arca profunda com ossadas dentro, em uma capella do Convento do Paraiso, d'esta cidade, de onde veiu para o Museu. (Vide o n.º 23).

Procedem os Grans de D. Vivaldo Vivaldi, cavalleiro genovês, que passou a Portugal em 1257, fugindo de Simão Bocanegra. (Sr. Visconde Sanches de Baena, *Archivo Heraldico,* parte II, pag. 82).

N.º 17

Torso do Calvario do Alcance, existente ainda na Tapada da Baloa, junto de Mourão. Representa, muito mutilada, a Virgem com o Filho morto nos braços, tendo na parte inferior esta inscrição, damnificada, em gothico mixto:

ESTA CRUZ MAN | DOU FAZER Dº DE MĒD.ª | ALCAIDE DESTA VILA | DE MOURÃ FILHO DE | AFONSO FURTADO DE MĒD.ª

Esta capella de Santa Maria do Alcance, ou de Santa Maria de Evora do Alcance, é attribuida a D. Nuno Alvares Pereira, que a mandara erguer em memoria de ter ali alcançado e vencido aos castelhanos, em cujo encalço ia desde Evora. Não mencionam os livros de nossa historia este combate, perto de Mourão; mas, não repugna que seja fundação do Condestavel, que muitos templos fez construir a expensas proprias, ou, quando não d'elle, do proprio alcaide da villa, Diogo de Mendonça, ou Mendoça, que lhe mandara fazer o cruzeiro. Este Mendoça, ou Mendonça, foi um fidalgo muito querido de D. João II, que no anno de 1487 o nomeou alcaide de Mourão, dignidade que andou na sua familia até D. João IV, quando menos. Foi elle o avô de D. Eugenia, mulher do segundo Marquês de Ferreira.

Foi offerecido ao Museu pelo Sr. Dr. Caetano Xavier de Almeida da Camara Manoel.

N.º 18

Verga elegante de janella com enfeites de ovulos e de triglíphos, tendo no centro um medalhão, e nelle um busto coberto de um chapeu.

Não sei de onde viera para o Museu este marmore.

N.º 19

Brasão de armas dos Freires de Andrade, senhores do Azinhal, pertença hoje da casa Ramalho de Barahona. Banda acoticada com duas cabeças de serpes, uma em cada extremidade.

Veiu da herdade do Azinhal, onde estaria no antigo palacete, que ali existe amodernado, dos senhores de Bobadella, cuja era.

Foi offerecido pelo Sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, o benemerito cidadão de Evora.

N.º 20

Pequena estatua de marmore branco, representando S. Bartolomeu, conforme á classificação do Dr. Augusto Filipe Simões no *Relatorio acêrca da renovação do Museu Cenaculo* (1869), a pag. 24.

Tem partido o braço esquerdo e na mão direita empunha uma faca, instrumento de seu supplicio: aos pés, o diabo, preso por cadeia. Tem grande semelhança com o que está no Apostolado da Sé de Evora, á entrada do portico profundo d'ella.

N.º 21

Torso cylindrico com uma figura humana de mãos postas esculpida em metade da superficie, do modo mais tosco e rudimentar.

Ignoro a sua procedencia. Sob o n.º 52 já é mencionado no *Relatorio* do Dr. A. F. Simões, por vezes referido.

N.º 22

Brasão de armas; escudo esquartelado: no primeiro e alterno, cruz floreteada, bordada por quatorze escudetes das quinas de Portugal; no segundo e seu contrario nove arruelas, tres a tres em banda. Dos Albergarias e de outra familia, que não posso determinar.

Veiu do demolido Convento de S. Domingos.

N.º 23

Arco manoelino de marmore, muito elegante, que dava entrada na capella-mor da igreja do Convento do Calvario para a de Ruy da Gram, cujas armas de familia, uma aguia, o encima. Dentro da pouco profunda capella havia um altar e no chão a campa com a inscrição que tem o n.º 5. No côro de baixo do mesmo convento outra campa existia, respeitante ao mesmo individuo, que neste catalogo tem o n.º 4.

Constituem estas duas campas um problema a resolver: seria a da capella-mor um cenotaphio? ou vice-versa?

Mas, para que a duvida subsista e mais densa seja a treva, dentro de cada uma d'estas campas não appareceram os ossos do celebre juiz do Duque de Bragança, mas sim uma parede grossa e transversal.

Parece evidente o proposito de inutilizar as duas sepulturas, nos espaços vazios das quaes só appareceram fragmentos de ossada e não está completa; dentro, porem, da da capella de Ruy da Gram, na capella-mor da igreja do convento, embutida na parede havia uma pedra pequena com as armas dos Grans e dos Correias (n.º 16 d'este catalogo), e por detrás d'ella, num vazio, uma especie de arca profunda, dentro da qual um monte de ossos, de mais de um cadaver ao que pareceu.

Para que tanto esconder ossos de um morto? para que as paredes dentro das sepulturas? Para que nellas se não sepultasse outrem? Talvez?

N.º 24

ESTA : CAPELA : MANDOU : FAZER : | FERNAN : GONCALUIS : DARCA : | SCUDEIRO : E COMECOUA : HE : | ACABOUA : FRANCISCO : DOIZ | MESTRE : DOBRAS : DE : PEDR | ARIA : HE : FOI : ACABADA : ERA : | DE : MIL : HE : CCCC : E : XV :

(1377)

Aberta em marmore, em caracteres gothico-monachaes, é uma das mais formosas inscrições do Museu. Fernão Gonçalves de Arca foi um soldado de D. João I na tomada de Ceuta.

Tem o brasão de suas armas composto de quatro escaques no primeiro e alterno quarteis do escudo esquartelado, e de duas faixas no segundo e seu contrario.

Veiu do Convento de S. Domingos, demolido por 1839, onde elle e a mulher, Maria Annes, instituiram uma capella no anno de 1408, como se lê em um pergaminho de S. Domingos, guardado na Bibliotheca de Evora. Vê-se das datas 1377 e 1408 que trinta e um annos antes da instituição da capella de missas já tinham mandado construir a capella, se o instituidor da de missas em 1408 já não seria um filho, do mesmo nome, que fôra á tomada de Ceuta, em 1415.

N.º 25

F · PETRVS · HVIVS · DOM9 · COENOBITA · | LAIC9 · IN · HOC · SACELLO · SEPVLT9 EST · | IN · INCERTO · LOCO · CVIVS · VITA · SÃC | TIMONIA · ET · PROPHETIA · CLARA | LITERIS · PRODITVR · D · A · M · DC · I ·

Veiu do Convento de S. Domingos, hoje quasi arrasado até os fundamentos, esta memoria do celebre leigo, a quem Fr. Luis de Sousa consagra larga escrita na *Historia de S. Domingos*, livro 5.º, capitulo X.

N.º 26

Inscripção hebraica, de letras salientes, em marmore avermelhado, achada no sitio da Conceição Velha, em Lisboa, depois do terramoto em 1775. Adquirida por D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, foi por elle mandada para Beja, e d'esta cidade para Evora. Pelo Rabino Isaac Ben Assaiag foi lida em 1823, d'este modo:

«Esta é a porta do Senhor pela qual os justos devem entrar. Venham ás suas portas com sacrificios de Todá as suas côrtes para o louvar, e corram á casa da manifestação. Tres

vezes por dia tragam ás suas portas sacrificios de Todá. Tomem vossas mãos touros sem mancha e cantae ao sacrificio de Todá. Fabrica boa e formosa que fabricou o nosso Rabbino Senhor Judá, filho do nosso Rabbino Senhor Guedalia, dos principaes senhores que dirigem a nação. Para nome do Senhor levantou e fabricou esta obra desejada. Acabou o nosso Rabbino a obra do nosso Deus, o qual só é nossa fortaleza. E foi acabada esta obra na era de 5000 da criação do mundo (1240). Deus que fez o coração do nosso Rabbino para afor-mosear e levantar a casa do nosso Deus e sua morada, Elle mande juntar seu povo na casa do nosso Santuario e nos encaminhe com nossos filhos e nossos netos. Bemabençoado homem que obedece a estar fixo ás minhas Portas todos os dias e guarda as hombreiras das minhas portas». (A. F. Simões, *Relatorio acêrca da renovação do Museu Cenaculo*, 1869).

Já antes fôra esta inscrição traduzida em latim, em 23 de agosto de 1770, pelo professor de hebreu na Universidade de Coimbra, D. Paulo Hodar. (Cf. *Nova Malta*, tomo I, pag. 175, nota).

N.º 27

LVRIAE T · F · BOVTIAE · | GIVLIVS · L · F · GAL · SEVERVS · | OXORI · SIBI SVISQVE F · C ·

Memoria sepulcral, que já vem no *Relatorio* do Dr. Augusto Filipe Simões; e cuja procedencia se não indica nelle, crendo-se, porem, que apparecera para os lados de Montemor-o-Novo, de onde viera em 1814. Hübner designa o local, uma fazenda de José Luis da Visitação, no sitio de Santa Margarida, freguesia de S. Matias.

N.º 28

Fragmento de uma inscrição arabe na verga de uma porta. Em caracteres salientes de $0^{m},10$ de altura, esta inscrição está incompleta, não só por ter sido quebrada, quasi pelo meio, como por lhe faltar uma extremidade.

Por intermedio dos Srs. Domingos Garcia Perez e D. Cesario Fernandez Duro, secretario perpetuo da Academia de Historia de Madrid, foi ella lida, pelo notavel arabista Sr. D. Francisco Codera, d'este modo: «lo que quiere Alá, pues no hay poder sino en Alá; mi suficiencia es Alá, que es el misericordioso».

Conjectura o Sr. Codera que na parte que falta devesse estar gravada a primeira parte de uma lenda piedosa, da qual o exposto fosse o final.

Não se lhe pode determinar a epoca em que fôra aberta; mas, pelo facto da união dos dois *lams* na palavra *Allá,* que tres vezes se repete, e pela forma especial da combinação *lamálif,* que se não é um typo novo não é frequente, talvez se possa por taes indicios determinar no futuro a epoca em que fôra gravada.

Tal é o parecer do Sr. Codera, a quem aqui fica um agradecimento, bem como ao Sr. Duro.

(Cf. *Boletin de la Academia de la Historia,* de novembro de 1901, a pag. 411).

Veiu esta pedra da parede de uma antiga casa nobre, dos Lobos de Montemor-o-Novo, situada na Rua de Diogo Cão, de Evora, a qual bem poderá ter sido do seculo XVI e do celebre navegante.

N.º 29

PUB · UTIL · URB · QUE · DECOR · | DIBUT · ANT · ARC · PORT · | SENAT · EBOR · | HANC · FACIEND · CURAVIT · | ANNO · CHR · MDXXVI · | PECUM · CIV · DON · TVLERVNT ·

Não sei de onde veiu esta pedra marmore, nem para que foi feita.

N.º 30

Brasão de armas dos Calças e Pinas. Escudo esquartelado: no primeiro um castello com brica e nella o algarismo 1, Pinas; no segundo nove vieiras em tres palas, Calças; no ter-

ceiro vinte escaques de ouro e azul, Godinhos; e no quarto tres paus em bandas, Barreiros. O campo do primeiro é vermelho, o do segundo azul; o do terceiro de ouro e azul, e o quarto de ouro.

Offerecido pelo Sr. Dr. Caetano Xavier de Almeida da Camara Manoel.

N.º 31

Verga, de marmore, de formoso portado gothico-manoelino, que se achou entaipada numa parede do Tribunal Judicial de Evora, quando elle esteve em parte do Convento de S. Francisco, a qual foi demolida em 1868, aproximadamente.

N.º 32

Brasão de armas dos Larres: uma arvore no campo, com as raizes patentes e no fundo a palavra LARRE. Foi picado aos lados da arvore, onde haveria alguns emblemas.

Offerecido pelo Sr. Francisco Maria Telles da Silveira e Menezes, veiu da herdade do Salfão (ou Bussalfão), perto de Nossa Senhora de Machede, a qual seu avô d'elle comprara, talvez a alguem da familia Larre.

Veiu de Espanha o appellido, de Loare, villa que fica a quatro leguas de Huesca. Andou este appellido em um membro da casa, que teve o emprego de provedor dos armazens.

(Sr. Visconde Sanches de Baena, *Archivo Heraldico,* parte II, pag. 92).

N.º 33

Brasão de armas: escudo partido em tres palas: nas primeiras, esquarteladas, quinas na primeira e quarta e um leão na segunda e alterna: a terceira pala, partida em duas barras, tem seis arruelas, cada uma em seu quartel. Sousas, Castros e Mellos.

Não sei de onde viera.

N.º 34

Cruzeiro antigo da Sé de Evora, que se conservava embebido na frontaria d'ella, onde foi mutilado para o nivelarem com a parede, que rebocaram!
Sobre a cruz ainda se lê em gothico-monachal:

IHS : NS : REX | : IVDEORVM

Escaparam ao picão dois thuribulos, que dois anjos, dos mutilados, sustentam.
Foi depositado no Museu pelo Cabido da Sé de Evora.

N.º 35

Brasão de armas dos Abreus: no campo cinco cotos de aguia, em aspa.
Fôra do Convento de S. Domingos para a Casa Pia, de Evora, não sei com que fim, e d'esta veiu em deposito para o Museu, por acordo da junta administrativa da mesma Casa Pia, em 1901.

N.º 36

AQI : IAZ : RUI : PIRZ : ALFAGEME : FRADE : DA : T'CEIRA : |
ORDEN : E : IIII^{C} XX : (1382)

Baixo relevo triogival, em marmore, representando a Annunciação. Na mão do anjo annunciador ha uma fita em que se lê:

AUE : MARIA : GR :

Bom trabalho para o tempo. Vem gravado e descrito no *Archivo Pittoresco*, tomo XI, pag. 361.

N.º 37

TIBI DE REL | ICT9 EST PA | VPER : OR PA | HANO TV | ERIS ADI | X · PS · 9 ·[1]

Em marmore, ornamentado e talhado de modo elegante. Talvez viesse do Convento de S. Francisco. A forma graphica 9(*us*) que se vê em *relictvs,* indica o seculo XV ou o XVI como o em que seria gravada aquella inscrição.

N.º 38

INNOCENT | ES · ET REC | TI AD HAC | SERṼT M | ICH : EX | PSAL : 24[2]

Marmore bem trabalhado, cuja procedencia desconheço, sendo crivel que viesse do Convento de S. Francisco.

N.º 39

Brasão de armas da cidade de Evora do tempo de D. Manoel, relevado em marmore. Esteve nos antigos paços do concelho e vem descrito nos «Estudos eborenses» a pag. 12 do opusculo *Brasões de Evora.* Diverge muito das que teem neste catalogo o n.º 2.

N.º 40

Estatua jacente de um bispo da igreja eborense, posterior a 1283, que poderá ser a do successor de D. Durando, D. Domingos Annes Jardo, fallecido em 1289.

Como a que tem o n.º 158, deveria estar na capella-mor da Sé, antes de 1718. Guardava-se na claustra com as que teem os n.ºs 1 e 158.

Foi depositado no Museu pelo Cabido.

---

[1] Tibi dereclitus est pauper: orphano tu eris. — Ps. 10-14.
[2] Innocentes et recti adhaeserunt mihi. — Ps. 24-21.

N.º 41

Relogio de sol, talvez romano (*solaria*) em ardosia, de simples feitio e arte: um hemispherio concavo, com as horas vincadas nelle, e atravessado superiormente por um arame, cuja sombra as indicava nos traços vincados.

Ignora-se a procedencia d'elle.

N.º 42

Dois medalhões, representando Aristipus e Architas. Leia o que se escreveu sob o n.º 148.

Andavam na Bibliotheca havia muitos annos, talvez adquiridos pelo grande Cenaculo.

N.º 43

PORTAM PATENTI PATEBIT | NOST.M CHARM.M ACR.M FRATREM METROP. EBOR. ECCL. CANONICVM | ANTONIO DE LANDIM, E SANDE | FUISSE | INSIGNEM REPARATOREM, LIBERALISSIMUM, | COMMODO INFIRMORUM ATTENDENS EXPENSIS NON PEPERCIT | TANTI ERGO BENEFICII MEMORES, OMNES ROGAMUS | FRATRES, QUI AD INFIRMITATES CURANDAS, AD ARAM QUE | CELEBRANDI CAUSA HIC ACCESSERINT; UT AD DEUM | PRECES FUNDANT PRO EJUSDEM BENEFICIENTIS | VITAE CONSERVATIONE, ET POST OBITUM PRO | AETERNAE QUIETUDINIS CONSECUTIONE. | ANNO MDCCLXXI.

Estivera no Convento de S. Francisco, de Evora, na casa que servira de enfermaria dos frades e se demoliu em 1864.

N.º 44

Brasão de armas, em marmore, dos Vasconcellos. Tres faixas veiradas no campo.

Bom trabalho de desenho e de execução. Não sei de onde viera para o Museu.

N.º 45

Brasão de armas, em marmore, que se diz dos Condes da Lousã. Escudo esquartelado e partido em tres palas: na primeira um castello; na segunda uma arvore; na terceira uma aguia de duas cabeças, com o escudo dos Correias no peito, e na quarta bandas. Nas palas inferiores: na primeira esquartelada, as armas reaes alternadas com leões; na segunda castello com cruz em cima entre duas serpes (?); na terceira seis costellas sob uma cruz e na quarta cinco asas em aspa.

Foi offerecido pelo Sr. Dr. Manoel Alves Branco.

N.º 46

Pedra escura, especie de ardosia, se não é massa, representando a dois marinheiros que seguram os cabos de uma ancora.

Estava no patamar do escadorio do palacio dos Condes de Unhão, hoje chamado de Valdevinos, na rua d'este nome.

Vem gravada por primeira vez no livrinho *Vasco da Gama em Evora,* de A. F. Barata.

Offerecido ao Museu pelo Sr. Dr. José Abilio da Silveira Moreno.

N.º 47

Brasão de armas, em marmore, do Arcebispo D. José de Mello (Braganças).

No primeiro e alterno as armas dos Vimiosos, e no segundo e contrario os seis besantes dos Mellos. Bom trabalho. Não sei de onde veiu.

N.º 48

Brasão do reino, em marmore, que estava na antiga cadeia da cidade. É de D. Affonso V, encimado pelo timbre da Casa de Bragança, a cabeça de serpe. Offerece a novidade de já ter sete castellos, e os cinco escudetes na posição que lhe marcou o filho.

(É o n.º 64 no volume IV da *Historia Genealogica).*

N.º 49

DON : FERNANDAFONSO : D̃ : MORAIS : | COMENDADOR : D̃ : MÕTE : MOR : M̃DOU : FAZ̃ : ESTA : CRAS : | TA : A : FỸ : IOHÃ : DALCOBACA : CUSTODIO : | A FỸ Å : | D̃ : MOT : MOOR : G̃DIÃ : NA : G̃ : FAME : E : DE : | CCCCXIIII ⁖ (1376)

Em caracteres gothico-monachaes, com algumas inclusas, este marmore veiu do Convento de S. Francisco. Formosa inscrição que, no meio, tem por armas uma espada entre uma amoreira e um castello (Moraes).

N.º 50

AQUI JAZ HA MUJ VIRTUOSA SRÃ JOA | NA COREA | PRIORESA Q̃ FOI MŨTOS ANOS NESTA CASA A QUAL | ELA FEZ E REFORMOU Ẽ A | SÃTA OVSERVÃ | CIA SẼDO | DA TERCEIRA REGRA E FEZ NELA SÃTA VIDA E ACABOU CÕ GRORIOSA MORTE A XXII DE GOS | TO ERA DE MIL D̃ XXXIJ ANOS.

Em caracteres gothico-quadrados, gravados em marmore, esta campa estava no côro de baixo do Convento do Paraiso, de Evora. Foi a prioresa irmã da mulher de Ruy da Gram, cujas sobrinhas, filhas do celebre chanceller, com ella viveram.

(Cf. a *Chronica de S. Domingos).*

N.º 51

C · GALIO · A · NN · L · | H · S · E · S · T · L · C · VI | TALIS · SOR · ET | L | M · FVL · CAECI | LIANOS · SOBRI | F · C ·

Appareceu na herdade da Capella, no termo do Redondo. Foi offerecida ao Museu em 1881 pelo Sr. Dr. João Martins da Silva Marques, a pedido que lhe fizera o Sr. Gabriel Pereira.

N.º 52

: ERA : M : CC : L XXX | : IX : VIII : KL | : NOVENBRIS | OBIIT : FER | NAMDUS : | COLLUS :

Aberta em marmore, foi esta inscripção achada na parede sul da Bibliotheca de Evora, em 1872, por cima de um tumulo mettido nella em ediculo ogival, que se guarda na collecção n.º 233.

É fora de duvida que aonde existe a Bibliotheca existiu uma igreja, porventura primeira Sé. Esta inscripção e tumulo o comprovam.

É do anno de 1251 (1289) e uma das mais antigas da collecção da epoca portuguesa.

N.º 53

VERNACVL | L P

Fragmento de inscripção romana, gravada em marmore, que fôra achada nas paredes adventicias do templo romano, em 1871, ao ser este despido d'ellas em tal tempo.

Foi publicada por primeira vez na *Aurora do Cavado.*

N.º 54

AQUY JAZ MARTIN | DOLIUEIRA : O QUAL | SE FINOU : NO ANNO | DE MIL : CCCCLXI.

Pequeno marmore com uma oliveira entre a primeira linha e as subsequentes. Tinha-a em sua casa André de Resende, e d'ella veiu para a Bibliotheca, em 1868, a pedido do Dr. Augusto Filipe Simões feito ao possuidor da casa naquelle anno, Duarte José da Assunção.

Caracteres gothico-quadrados.

N.º 55

Brasão de armas dos Costas e Silveiras. Escudo esquartelado: no primeiro e seu contrario tres barras, dos Silveiras, e no segundo e alterno seis costellas, dos Costas. Timbre: uma aguia sobre um elmo, cercado de turbante, de onde sae um plumeiro vistoso.

Ha outro semelhante, mais pequeno (n.º 94). Pertenceram ao extincto Convento de S. Domingos, de onde foram mandados para a Casa Pia, não sei com que fim.

Ficam no Museu em deposito.

N.º 56

S' DE SEB.AM DE BRITO BOTELHO | RIBR.º MOÇO FIDALGO DA CAZA | REAL. E DE SVA MOLHER D : THEREZA | DE SEPVLVEDA Q̃ : FALEC | EV : EM 18 DE ABRIL : DE 1718 : E DE | SEVS : DESENDENTES.

Não sei de onde veiu para o Museu. Tem brasão de armas dos Britos.

N.º 57

Brasão do Santo Officio da Inquisição de Evora, relevado em marmore branco, com forma oval: cruz entre uma oliveira, symbolo da paz, e uma espada, symbolo da guerra.

Veiu da casa de D. Maria Vicencia de Bettencourt (edificio da Inquisição) e devia ser o que sobrepujava o portado de saida das procissões para os *Autos de fé.*

N.º 58

MANILIA C | ETVSCA · H · S · E · ♁ | TERENTIA · M · F · TERTVLIA | MATER · F · C ·

Ignoro a sua procedencia.

N.º 59

IVLIA · L · F · MAELA | AN · L · V · H · S · EST · S · T · | T · L ·

Foi achada na herdade da Capella, no termo da villa do Redondo, no anno de 1881, e vinda para o Museu, a pedido do Sr. Gabriel Pereira feito ao Sr. Dr. João Martins da Silva Marques.

N.º 60

AQUJ JAZ O P.E FREY | BENTO DE SOVZA | FREYRE DO HABITO | DE SÃO BENTO E SVA IRMÃ | E DE 1689.

Campa de marmore com algumas inclusas e brasão de armas: escudo esquartelado: no primeiro e seu contrario tres faixas veiradas, e no segundo e terceiro cinco flores de lis em aspa.

Veiu do Convento de Santa Catarina.

N.º 61

Inscrição arabe, bipartida, aberta em marmore, que esteve na frontaria da antiga casa da camara, na Praça de Geraldo.

Traduziu-lhe Fr. João de Sousa a parte superior assim:

«Confessae e crede que não ha Deus senão Deus, e que Mahomed é o seu legado. Possuimos a terra com o soccorro de Deus e nos senhoreamos della. Vencidos foram os Rumes (christãos) nas terras remotas e tornaram a vencer depois de terem sido vencidos, passados alguns annos; porque a disposição do passado e do futuro só a Deus pertence. De Ben Axafá Mahomed Haranaqui».

E a parte inferior d'este modo:

«Prometteu Deus aos Crentes e aos que fazem boas obras a victoria contra os infieis, a possessão da terra e a continua successão, assim como elles succederam aos seus antepassados. Confirmar-lhes-ha a cada vez mais a sua lei e lhes trocará o medo por uma firme segurança».

N.º 62

Inscrição arabe, aberta em marmore, que fôra achada em Mertola e levada para o Museu Cenaculo-Pacense, de Beja, fundação do grande homem, que comsigo a trouxera para Evora, ao ser elevado a Arcebispo de Evora. Já está mutilada. Fr. João de Sousa traduziu-a assim:

«Não ha senão um Deus, unico e subsistente, o qual não dormita, nem dorme. D'elle é o que está no ceu e na terra. O ambito do seu throno comprehende o ceu e a terra, e elle é o excelso e Magnifico.

Ó vós, homens (crentes) temei o vosso Deus e receae o dia no qual o pae não paga pelo filho nem o filho pelo pae; por certo, pois, a promessa de Deos é verdadeira; portanto, não vos engane a vida mundana, nem vos entregueis aos enganos do tentador (que pretende apartar-vos da lei de Deos). Só Deos é que conhece a hora do dia do juizo. Elle é o que faz cair a chuva e sabe o mais occulto das entranhas. O homem não sabe o que poderá adquirir no dia de amanhã, nem em que terra será a sua sepultura, pois Deus é sabio e noticioso».

(Codice da Bibliotheca de Evora, n.º $\frac{\text{CXXVIII}}{1-4}$).

N.º 63

Armas do reino, da primeira dynastia, com doze castellos em volta e cinco escudetes, cada um com dez arruelas, dispostos como anteriormente a D. João II.

Não sei de onde veiu esta pedra para o Museu.

N.º 64

SEPULTURA DE FRANCIS | CO VIEYRA DA CUNHA DE | SOTO MAYOR CONEGO | PREBENDADO NA SANC | TA SÉ DE EVORA QUE | DEIXÓ NESTE CONVEN | TO 11 MIL CRUZADOS | P. . . A. M. CÕ | VẼTUAL QUOTID. E FALECEO A | OS 29 DE MAYO DE 1735.

Campa de marmore com brasão de armas: escudo esquartelado: no primeiro nove vieiras, tres a tres, em faixa; no segundo e alterno nove cunhas do mesmo modo dispostas e no terceiro tres faixas de escaques. Veiu do Convento de Santa Catarina.

N.º 65

P · STAIVS | PUB · | MERIDIA | NVS · H · S · E ·

Era esta inscrição mortuaria uma das que se conservavam na varanda da antiga casa da camara.

Bayer diz que estivera na fonte da praça.

N.º 66

Pequeno brasão de armas dos Sousas e Henriques.

Ignoro a sua procedencia.

N.º 67

AQUJ JAZ RO | DRYGALUAREZ | Q' DES AJA : ALL | CAYDE MOR DE | PENELA.

Pequena lapide de marmore, caracteres gothico-quadrados, achada no Convento de S. Francisco, em 1864, ao demolir-se uma parte d'elle, proxima da portaria.

N.º 68

Enfeite da parte superior de um cippo romano.
Não sei de onde veiu.

N.º 69

AQUJ · JAZ A ILUSTRE · SRA DONA | BRITYS · DE PORTUGAL · FALECEO | AOS · XXB DE OUTUBRO D 1S3S (1535).

Campa de marmore branco com as armas dos Vimiosos.

Foi esta senhora filha do Bispo de Evora, D. Affonso de Portugal, a qual morreu solteira e instituiu o morgado da «Sempre Noiva», proximo de Arraiolos, irmã do primeiro Conde do Vimioso, D. Francisco de Portugal.

Veiu esta campa da casa do capitulo do Convento de Santa Catarina, cuja padroeira foi a casa Vimioso.

Foi esta dama escolhida para heroina de um romance historico que o Dr. Augusto Filipe Simões deixára incompleto, chegando a publicarem-se alguns capitulos (não todos) no livro: *Escritos diversos,* publicado depois da morte do autor. Tinha capitulos magistraes, como os *Fronteiros de África.*

N.° 70

I · O · M · | OB PVLSOSA · Q · SERTOR · | METEL · ADQ · POMPE · IVN · | DONACE CORONĀ ET SCEP · | TR · EX ARG · MVNVS AD TULIT | FLAMIN · PHIALĀ CAELATAM | HIERODVLIS COENAM · D · D ·

Hübner considera falsa esta inscrição.
Estava na antiga casa da camara.

N.° 71

Cruz de marmore com alguns martyrios no centro.
Como a que tem o n.° 77 não sei de onde viera.

N.° 72

DEPOSI | TIO PAV | LI FAMV | LVS DEI | VIX SIT | ANNOS L · E | T VNO REQVI | EVIT IN PAC | E III IDVS M | ARTAS ER | A · D L XXXII.

Esta inscrição, gravada em ardosia, tinha-a em sua casa André de Resende, onde a viu, em 1778, o professor Bento José de Sousa Farinha, que, mais tarde, em 1783, a foi encontrar no Paço Episcopal de Beja. É de crer que viesse com Cenaculo, em 1802.

N.° 73

CELLA DA TERRA | SANTA DE IERUS- | ALEM. ANNO 1749.

Não se sabe de onde viera para o Museu.

N.º 74

AQVI · IAZ · DOM · | FRANCISCO · DE | PORTVGAL · CÕDE | DO VIMIOSO · POR | AMOR · DE · DEOS · HṼ · PATER | NOSTER · E · HṼA · AVE | MARIA · POR · SVA · ALMA · | — *(Brasão)* — FALECEO · A · VIII · DIAS | DO · MES · DE · DEZEM | BRO · NO · ANNO · DE | M · D · XLIX.

AQUI · IAZ · DONA | IOANA · DE · VILHA | NA · CONDESSA | DO · VIMIOSO · POR | AMOR · DE · DEOS · HṼ · PATER | NOSTER · E · HṼA · AVE · | MARIA · POR · SVA · ALMA · | — *(Brasão)* — FALECEO · A · XXIIII · DE | IVLHO · DE · M · D · L · IX · | E · ACABOV · NA · ORDẼ | DE · SANTO · AGOSTINHO.

Grande campa de marmore, bem obrada, com suas armas de um e de outro, ao meio das inscrições. Caracteres romanos com algumas inclusas.

Esteve no Convento da Graça, onde jaz seu pae d'elle, Conde, o Bispo D. Affonso de Portugal.

N.º 75

Elegante verga de janella manoelina, que fôra bipartida de um columnelo, cujo capitel é um escudo com uma carranca.

Veiu do extincto Convento de S. Francisco.

N.º 76

LYMPHA PRO CON | GEDIARIO DATA · IN | MERCEDES FLUIT · | ET · FLUET · 1779.

Inscripção em marmore, cuja procedencia desconheço; mas que viria do Convento das Mercês, de Carmelitas Descalços.

N.º 77

Cruz de marmore com coroa de espinhos no centro.
Não sei de onde veiu para o Museu.

N.º 78

FLECTE GENV · EN SIGNV PER QVOD VIS VICTA TIRANI | ANTIQVI ATQVE EREBI CONCIDIT IMPERIUM; | HOC TV SIVE PIVS FRONTE SIVE PECTORA SIGNES | NEC LEMORṼ INSIDIES EXPECTAR ATQVE VANA TIME.

Estava no quintal das casas de André de Resende, de onde veiu para o Museu, em 1868.

Sobre o arco de entrada para a fonte que o antiquario tinha na quinta do Arcediago, hoje pertença do Sr. Visconde da Esperança, na sua Manisola, e que elle constituira em morgado, ainda actualmente se vê a mesma inscrição, aberta em cal, de difficil leitura pelo natural esboroamento d'ella.

Esta poetica fonte foi mandada reparar dos estragos por seu illustre possuidor.

N.º 79

Mão esquerda de uma estatua romana, de marmore, empunhando um objecto que já se não determina, por mutilado.

N.º 80

EBOR . L . . . . . | SEPVLT . . . . . | T . CALL . . . . .

Fragmento em marmore de uma inscrição mortuaria, cuja procedencia não conheço; mas que, sem duvida, se refere a um eborense.

N.º 81

ESTA SEPVLTV | RA · HE · DE DOM | DVARTE DA COSTA.

Em marmore, esta campa veiu do demolido Convento do Paraiso. Tem brasão de armas da familia com o timbre picado. É de formoso trabalho.

Este D. Duarte foi um filho de D. Alvaro da Costa. N.º 12.

N.º 82

S · D IOANA | ROIZ E · SE | VS DESẼ | DẼTES ·

Não sei de onde veiu para o Museu esta campa, ou memoria mortuaria, como nada sei d'esta senhora.

N.º 83

P · IVLI · G · F · | GAL · TANG · | INI AN · L · H · S · | E · S · T · T · L ·

Como a que tem o n.º 166 appareceu no mesmo local d'aquella. Para esta as mesmas considerações. É tambem gravada em ardosia.

Foi offerecida ao Museu pelo Sr. Alexandre Lopes Braz, de Reguengos.

N.º 84

Cabeça provavel do architecto ou constructor da antiga cadeia de Evora, e de uma figura, que parece ser a de um mocho, que estavam na dita cadeia.

Este edificio parece ter sido construido em tempo de D. Affonso V.

No cartorio da Camara Municipal não ha documento respectivo á cadeia que seja anterior ao anno de 1455.

É de grosseiro granito, tanto uma como outra figura.

N.º 85

AQUJ JAZ FR.^CO CORREA : FIDALGO : | CONEGO : E PRYOR DE SÃ PEDRO · DESTA CIDADE O QUAL MANDOU | FAZER : ESTA CAPELA | PERA JAZ^O DE SUA LINHAÕ · | FALECEO AOS XBJ DE NOVẼBRO DE MJL | B^C XXBII.

Esta inscrição, em gothico-quadrado, lê-se nos quatro lados de campa de marmore, passando a quinta linha para o centro d'ella. Tem o brasão de armas dos Correias e Costas.

Veiu do demolido Convento do Paraiso de Evora, em 1901.

N.º 86

AQVI IAS · FREI · DI | OGO CESAR QVE | FOI PROVINCIAL | DESTA PROVINCI | A E PADRE MAIS | DIGNO NELLA | VOTOV NO CA | PITOLO GERAL | DE ROMA DE 1651 | IMPRIMIO MVIT | OS SERMOINS Q | VE PREGOV CO | M GRANDE AC | EITAÇAM

Campa com inscrição gravada em marmore, apparecida no Convento de S. Francisco, de onde veiu para o Museu em 1901. Respeita a um dos heroes de Camillo Castello Branco no seu livro: *Lucta de gigantes*.

Por curiosidade aqui se mencionam dois livros, que tratam o assunto do romance historico:

Quingentono (P.^e Joanne), *Victoria R. P. Fr. Didaco Caesaris Provinciales Provincia Algarbiorum*... Lugduni, 1653.

Causa, processo, sentencia dada en favor del R. P. Fray Diego Cesar Provincial de Provincia de los Algarves contra el R. P. Fray Martin de Lencastro comissario general de la Orden de San Francisco... Leon de Francia, 1653.

Foi esta campa mandada depositar no Museu pelo Sr. Prior de S. Pedro, Antonio Jacinto da Cunha.

N.º 87

Mão esquerda, de marmore, de uma estatua romana, maior do que o natural.
Não se sabe de onde viera para o Museu.

N.º 88

LARIB · PRO | SALVTE ET INCOLV | MITATE DOMVS | Q SERTORI | COMPETALIB · LVDOS | ET EPVLVM VICINEIS | IVN · DONACE · DO | MESTICA EIVS · ET | Q · SERTOR · HERMES | Q · SERTOR CEPALO | Q · SERTOR ANTEROS | LIBERTEI · ♁

É esta uma inscrição considerada apocripha, das que André de Resende inventára por dar maior lustre á sua patria, querendo que nella tivessem estado todos os heroes da Lusitania.

N.º 89

ESTA SEPVLTVRA HE DO | DOVTOR CHRISTOVÃO DE | BRITO E LASSERDA NATV | RAL DESTA C^DE^ PRIOR QVE | FOI NESTA C.^DE^ DE SÃO P^O^ | E POR SVA HVMILDADE SE MA | NDOV SEPVLTAR NO ALPEN | DRE E CO . . . . PEDE | HVMA AVE MARIA FALEC^O^ | EM 12 DO MES DE ABRIL DE | . . 70.

Esta campa de marmore tem o brasão das armas dos Britos. Estava no chão, á entrada da extincta freguesia de S. Pedro de Evora, hoje escola districtal.

N.º 90

Brasão do Santo Officio da cidade de Evora, relevado em marmore branco, de forma quadrada: cruz entre espada e oliveira, sustidas de duas mãos, symbolos da guerra e da paz, o «crê ou morre» dos mahometanos.

Foi offerecido ao Museu pelo fallecido Sr. José Paulo de Barahona Carvalho e Mira, em 6 de agosto de 1886.

Era o que estava sobre a porta das casas fronteiras ao edificio da Inquisição, que pertenceram ao tribunal, e seria morada do inquisidor geral.

Esta casa pertence hoje a um dos filhos do offerente.

N.º 91

Inscripção arabe, contendo sete linhas, cuja traducção, feita em Madrid por E. Saavedra, é a seguinte;

«En el nombre de Dios clemente y piadoso. La bendición de Dios sea sobre Mahoma. Este és el sepulcro de A'hamed, hijo del visir Abubéque Mohámmed, hijo de Reijana; morió (apiádese Dios del) en la noche del jueves, pasadas cinco de safar, año 525». (1130 de Christo).

Appareceu num buraco de parede da igreja de S. Pedro de Evora, de onde veiu para o Museu.

Demolida esta igreja, ou transformada, serve hoje de escola.

Vem em caracteres arabigos na *Revista Archeologica*, tomo III, pag. 54.

N.º 92

AIE8TH | ETTXTHH | CHPΓHPOΣ | TE

Gravada em marmore, por facear, appareceu em Beja esta inscripção, na muralha romana.

Hübner, nas *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 50, diz que a não pôde ler; mas antes d'elle, Fr. José Lourenço do Valle fez diversas leituras, das quaes escolheu esta, que fez imprimir em Roma: *fertilis terra fructificavit cum Assyriis!*

N.º 93

Fragmento de inscripção romana em que, sob um rebordo, se lê:

L · IVLIVS · P. . . .

Appareceu na demolição do Convento de S. Francisco, de Evora, onde, já mutilada, fizera parte do material de construcção.

N.º 94

Brasão de armas igual ao do n.º 55, porem mais pequeno. Tem igual procedencia.

N.º 95

S.ᴬ DE DONNA IGNES | FRAGOZA DE BARROS | CAZADA Q̃ FOI COM | O D.ᴼᴿ MANOEL DA S.ᴬ | REGO IVIS DE FORA | DESTA CIDADE FA | LECIDA EM 14 DE A | GOSTO DE 1719.

Esta campa de marmore tem brasão de armas, não dos Fragosos, tres soes em santor, mas o dos Regos, cinco vieiras em aspa.

Foi aquella senhora da casa dos Fragosos das Alcaçovas, cuja são membros hoje em Evora os Srs. Visconde da Esperança e seu irmão Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso.

N.º 96

IVLIA · RVFI · F · | MVNILLA · H · S · | IVLIA · GALLA | H · S · E ·

Esta inscripção estava na casa de habitação do Mestre André de Resende, de onde veiu em 1868, por pedido do Dr. Augusto Filipe Simões feito a Duarte José da Assunção, ao tempo possuidor da casa. Ainda hoje conserva officialmente o nome do Mestre Resende aquella rua, na freguesia de S. Mamede.

N.º 97

Cabeças da Virgem e de Christo, ao que parece, parte de estatuetas. Argilla, terra cotta.

Ignoro sua procedencia, e só posso affirmar que na Bibliotheca existiam ha mais de quarenta annos.

N.º 98

ESTA CAPELLA DO EM | PARO · HE DE · FRANCISCO PE | REIRA · SOARES · E DE SVA | MOLHER · VILANTE RŌIZ | A QVAL ELLES · COMPRA | RÃO E ORNARÃO NO MO | DO EM Q̃ ESTA PERA · SI | E PERA · SEVS · DESCENDEN | TES · AS OBRIGAÇÕES Q̃ | TEM · SE VERÃO · EM · SEV · | TESTAMENTO · FA | LECEO · ELLE A · 3 · | DE SET · DE 1631.

Ignoro a procedencia d'esta pedra que, por certo, veiu de um convento extincto da cidade.

N.º 99

AQUI JAZ, JACOME BARB- | OZA, DA GAMA, ABORIM: | CONIGO DA S.TA SEE DE | EVORA; FALESCEO AOS | 24 DE MAIO DE 1788 | PEDE | PELO AMOR DE DEOS | HUM P · N · E HUMA A · M · | PELA SUA ALMA.

Veiu esta campa do Convento de Santa Catarina, quasi totalmente demolido. Tem brasão de armas: escudo esquartelado: no primeiro, barra com tres crescentes entre dois leões; no segundo, escaques, no terceiro correias e no quarto seis costellas.

É bonita campa.

N.º 100

DVM SIMVL DLCE | M CVM VIRO CARPE | RE VITAM ꝑ_ | ILICO ME FORTVNA TV | NA TVLIT SEMPER NOX | SEA CVNCTIS ꝑ_ | VITA DVM VIX VENANTIA | NOMEN IN SECVLO GESI ꝑ_ | TER DECIES Y QATER IN PA | CE QVIETOS PERFIV ANNOS | VLTIMVM IAM SOLVI DE | VITVM COMVNEM OMNI | BVS VNVM ꝑ_ HOC | LOCO ERGA MEOS ELETV ꝑ_ | QVIESCERE PROLES ꝑ_ | . . VDVM QVOS DOMINVS | . . . CAVIT PVRGATOS VN | . . ACRI ꝑ_ REQVI | EVIT IN PACE SVB D XI | . . FEBRVAR ER D LↃCXXI. (581)

Hübner leu d'este modo, nas *Noticias archeologicas de Portugal:*

Dum simul dulcem cum viro carperem vitam.
Ilico me fortuna tulit semper noxsea cunctis.
Vitam dum vixi, venantia nomen in seculo gessi.
Terdeciens quater in pace quietos pertuli annos.
Ultimum jam solvi devitum communem omnibus unum.
Hoc loco erga meos elegi (?) quiescere proles.
Nondum quos dominus vocavit purgatos unda labacri.
Requivet in pace sub die XI kal februarias
era DCXXXI

Considero mal lida a data, porque se despreza o L (50) depois do D (500) e se não considera o Ↄ antes da sigla (X que devem constituir um X em sua juncção ↃC.

N.º 101

Brasão de armas dos Faros, aberto em marmore. Armas do reino com oito castellos na orla e coroa de conde (de tres florões).

Appareceu junto do edificio da Misericordia, situado onde fôra o palacio dos Condes de Faro (Braganças), quando ali fizera umas obras o Sr. José Jacinto Varella de Soure, actual possuidor da casa nobre, talvez continuação do palacio dos condes.

Offerta de seu possuidor.

N.º 102

Busto de homem imberbe, de marmore, com o nariz mutilado. Bom trabalho.

Appareceu em Tavira, no Algarve.

Veiu de Beja, talvez trazido por D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, em 1802.

N.º 103

Torso de estatueta, comprehendendo o tronco.

Não sei de onde viria para o Museu.

N.º 104

AQVI · ESTA · A OSA | DA · DE · DONA · Mª | DE · TAVORA · MO | LHER Q̃ · FOI · DE | PEDRALVARES | DE CARVALHO.

Veiu esta pedra do demolido Convento do Paraiso. Á sentença de 12 de janeiro de 1759 pôde escapar esta memoria funebre, que nos transmitte o nome de uma senhora da celebre familia morta no cadafalso de Belem no dia seguinte ao da sentença: escapou na clausura, que não ousaram varejar... Insania de homens, que se não contentaram com a punição dos delinquentes, se o foram, que obscuro é na historia patria este sanguinoso ponto, para, contra a razão natural e contra a justiça, tornar culpados os innocentes, por descenderem dos que o foram...

N.º 105

HABITACVLṼ | NOVITIORṼ.

Aberta em marmore, esta inscrição appareceu no Convento de S. Francisco, de onde veiu para o Museu.

N.º 106

Brasão de armas em terra cotta. Esquartelado: no primeiro e alterno tres bandas e no segundo e seu contrario um perdigão com uma estrella ou luzeiro.

Ignoro sua procedencia.

N.º 107

D. M. S. | Q · IVL · MAXIMO C · V · | QVESTORI PROV · SICI | LIAE · TRIB · PLEB · LEG ♁ | PROV · NARBONENS · | GALLIAE · FRAET · DES · | ANN · XLVIII · | CALPVRNIA SABI | NA MARITO OPTIMO.

Q · IVL · CLARO · C · V · IIII · VIRO | VIARVM CURANDARUM | ANNO XXI · | Q · IVL · NEPOTIANO · C · I · | IIII · VIRO · VIARVM · CVRAN | DARVM · ANNO · XX · | CALP · SABINA · FELIIS ·

Esta ampla memoria mortuaria veiu da freguesia de Nossa Senhora da Tourega, em 1826.

Por ignorancia de um prior d'aquella freguesia, anda ligada á inscripção esta curiosa anecdota: um prior da Tourega, não entendendo bem a inscripção, lia e traduzia *viro viarum curandarum, viario curae curandarum, sive episcopo,* e dava parte ao bispo, o Cardeal D. Affonso de que lá tinha um altar de S. Viario!

Mandou D. Affonso ao Mestre André de Resende para ver o que dizia o prior. Desfeito o Santo, adquiriu Resende o conhecimento da bella inscripção.

N.º 108

AQUI · IAZ · A MUI · MAGNIFIQA · SRA DONA · IOANA · DE · MELLO · COMDESA · DE · PRADO · MOLHER · QVE · FOI · DO · MUI · MA | NIFICO · SOR · DOM · PEDRO · DE · SOVSA · COMDE · DE · PRADO · Q̃ DEIXOV · ESTA CASA · HṼA · ERDADE · EM · MACHEDE · CÕ · OBRIGAÇÃO · | DE HṼA · MISA · COTIDIANA · E HṼ · NOTVRNO · DEFINADOS · ACAB | ADAS · AS · MATINAS · DAS · FESTAS · FALECEO · 11 · D · NOVẼBRO · D · 1S31 ·

Veiu do Convento de S. Domingos, quando foi demolido, e guardou-se no Templo de Diana esta campa, de marmore.

N.º 109

Cabeça de marmore, coberta por uma especie de coifa, touca ou turbante, apanhado aos lados com firmaes. Tem por boca um orificio para saida de liquidos. Diz a tradição oral ser a cabeça, ou *carranca da Fonte Nova,* que ainda existe, extramuros da cidade de Evora, a sudoeste.

Parece ser trabalho romano.

N.º 110

Caveira de marmore, soffrivelmente esculturada, que o Sr. capitão de engenharia, João Eloi Nunes Cardoso, mandara para o Museu quando a encontrou no Convento de Santa Catarina, de Evora, hoje totalmente demolido.

N.º 111

MANILIA · M · F · | MAXVMA AN XII | H · S · EST · T · L · | C · VIBIVS TANCI | NVS COCNATE | SVAE F · C ·

Em marmore, era esta lapide uma das que estavam nos antigos paços do concelho, na Praça de Geraldo.

N.º 112

Trasfogueiro de ferro fundido, representando as armas de Castella.

Appareceu, haverá vinte annos, nos baixos das casas da Praça de Geraldo, de Evora, construidas em 1830 sobre os antigos Paços dos Estaos, que foram habitação de réis de Portugal das primeiras dynastias [1].

Foi offerecido pelo senhor d'aquelle vasto predio, o fallecido Conselheiro José Maria de Sousa Matos.

N.º 113

Fragmento de uma estatueta de marmore, representando uma mulher em acção ou de dançar ou de caminhar, coberta de tunica transparente. Formoso trabalho, que appareceu em Beja no alicerce da muralha romana, onde, no seculo XVIII, estava a casa do sargento-mor, Francisco Manoel de Mello. Vem no *Archivo Pitoresco*, vol. XI, pag. 109.

Devia ter vindo com o Arcebispo Cenaculo, em 1802, que muito estimava as reliquias artisticas do passado.

---

[1] Tem no fundo a data de 1554, caindo, portanto, a fundição d'esta peça nos ultimos annos do reinado de D. João III, cuja esposa, como se sabe, foi sua tia, D. Catarina, filha de Filipe I de Castella, de onde a vinda do trasfogueiro, em homenagem á Rainha Castelhana, ou para alguma chaminé dos Paços dos Estaos, se ainda serviam a reis, ou para a de algum fidalgo castelhano.

N.º 114

Fragmento de tejolo romano de bom barro e bem cozido. Ignoro a sua procedencia. Tem esta letra:

VERFRONTINIANI ♁

N.º 115

Dedo da estatua a que fôra sagrado o templo romano de Evora, chamado de Diana. Diz o *Relatorio* do Dr. A. F. Simões, citado por vezes, que a estatua deveria ter mais de 4 metros de altura.

Appareceu junto do templo, em escavações que ali se fizeram, e não repugna, pelo sitio do apparecimento, que fosse do Deus ou Deusa a que sagrado o templo. Neste ainda existe um fragmento do pedestal da estatua, com algumas letras. Mostra, sem a menor duvida, que fôra despedaçado a golpes de marreta sobre cunhas de ferro, obra que se crê praticada dos barbaros do norte, esmagadores da civilização romana.

N.º 116

Senhor preso á columna e açoutado, em relevo, sobre jaspe, ou massa especial.

Trabalho grosseiro, que alguns reputam indiano, por parecer sê-lo, attentando-se nos rostos, cabellos e trages das figuras, e outros, como o Sr. Ramalho Ortigão, consideram ou dos fins do seculo XIII ou do começo do XIV, pela semelhança com os baixos-relevos dos conventos de Cellas, junto a Coimbra e de S. Francisco, de Santarem, salientados nos capiteis da claustra.

N.º 117

Dois capiteis, ou faces d'elles, que o Sr. Adães Bermudes classifica de gregos.

Lavrados em marmore, ignora-se sua procedencia.

N.º 118

Formosa cabeça romana, em marmore, de uma bacchante sorridente e coroada de parras.

De crer é que Cenaculo a trouxesse de Beja, e natural será, se não certo, que seja uma a que se refere Manoel de Vilhena Mousinho em carta de Madrid, 16 de agosto de 1796, dirigida ao grande homem [1].

N.º 119

Tejolo moldado. Considera-se romano.

Não sei onde apparecera.

N.º 120

Dois tejolos moldados de um artesão da capella na claustra do Convento de S. Francisco de Evora, arrecadados quando foi demolida, juntamente com o fecho da abobada, o brasão de armas dos Noronhas.

N.º 121

Tejolo pequeno, achado na sepultura de Fernando Collo, numa parede da Bibliotheca de Evora, onde houve uma igreja, antes da Sé actual da cidade. É, pois, do seculo XIII (1251). Veja-se n.º 52.

---

[1] «... havendo saido para essa Corte Carriño despues de Pascoa de Espirito Santo lhe entregue um caixoncinho, que levara hua formosa Bacante y tres cabezas de Imperadores de malmol antiguas».

N.º 122

Duas telhas, uma d'ellas marcada com esta inscripção.

1682 | HE PERA DO.^{s} MADR^{A} UALERIO

Tem a outra a data de 1796.
Ignoro a procedencia d'ellas.

N.º 123

Veja-se o que se escreveu no n.º 22.

N.º 124

Fôrma de ossos artificiaes em terra cotta, que foi dos Carmelitas de Evora (Remedios), casa em que se obtinham reliquias de qualquer santo ou santa! Singular industria.

Appareceu com outras fôrmas nos forros do convento, muito depois de 1834, anno do acabamento do convento como congregação monastica.

Pode-se conjecturar que ali fossem escondidas pelos frades, ao terem de sair do convento.

No livro *A Beata de Evora* vem uma nota respeitante ás outras fôrmas, acima alludidas, algumas das quaes ainda conservam os ossos artificiaes. Pertencem ao Sr. Visconde da Esperança.

N.º 125

Tejolo de barro vermelho, apparecido no cano alto do Aqueducto Sertoriano, como impropriamente é conhecido, no sitio da quinta da familia Torres. Tem a data de 1733.

Offerecido ao Sr. Gabriel Pereira, e por este ao Museu.

N.º 126

Mazariz grande de industria portugnesa.

Appareceu nas antigas cozinhas do Paço Archiepiscopal e nos baixos d'elle.

N.º 127

Dois tejolos romanos moldados (*lacter coctus*) de differente grandeza, com a forma de quarto de circulo, com que se faziam columnas, unindo-os quatro a quatro com desencontradas junturas nas camadas sobrepostas. Ainda hoje ha exemplos em Pompeia de tão simples e seguro modo de erguer columnas resistentes.

Appareceu um d'elles junto á ermida de Nossa Senhora da Gloria, perto de Evora, onde se tem encontrado restos de construcções romanas.

Não appareceu o de maior grandeza muito longe do referido logar, e foi offerecido ao Museu pelo Sr. Innocencio João Louro.

N.º 128

Leià-se o que se escreveu no n.º 127.

Este é de menor dimensão.

N.º 129

Tres tejolos moldados romanos (*lacter coctus*).

Um d'elles simples e dois de singular feitio. Ignoro onde appareceu o simples, apparecendo os dois em 1881 em umas sepulturas marginaes da via romana que, pela direcção, seguia para *Pax Julia* (Beja) e saía de Evora orientada a Vianna de a par de Alvito, em cujo percurso essa estrada aflora ainda num ou noutro ponto. Antonino Pio não a refere

no *Itinerario*. Na minha publicação *Catacumbas* (incompleto livro) alvitrei a razão dos cortes, que pode não attingir a verdade.

São conhecidos estes tejolos. Cf. o vol. VII do *Museu hespanhol de antiguidades*, onde D. Vicente Barrantes os descreve.

N.º 130

Leia-se o que se escreveu no n.º 129.

N.º 131

Leia-se o que se escreveu no n.º 129.

N.º 132

Baldosa grande de barro vermelho. Não sei se é fruto de industria portuguesa ou se vem de mais longe.

Ignoro a sua procedencia, bem como o tempo em que viera para o Museu.

N.º 133

Adobe grande, achado nas antigas cozinhas do Paço Archiepiscopal de Evora.

N.º 134

Telhas chatas romanas (*tegula*) cujas juncções verticaes eram cobertas pelas communs (*imbrex*).

Vê-se que não são as chamadas de *Marselha*, novidade no assunto. *Nihil sub sole novum*.

Não sei de onde vieram, como sei que teem apparecido outras no sitio de Villares, perto das Alcaçovas e junto da estação do caminho de ferro, onde existiu notavel povoação romana, quer ella fosse a *Arandis*, quer não, como certo será, pelo difficultoso de lhe precisar a situação.

N.º 135

Leia-se o que se diz no n.º 134.

N.º 136

Baldosa pequena de barro vermelho, talvez de industria portuguesa.
Não sei de onde veiu para o Museu.

N.º 137

Cabeça de mulher, em marmore, de tosca e rudimentar escultura, representando, ao que parece, a de uma freira, toucada ao modo das Bernardas.
Não se lhe conhece a procedencia.

N.º 138

Tejolo moldado. Considera-se romano.
Não sei onde appareceu.

N.º 139

Tejolo romano moldado, com a forma de quarto de circulo, como os que neste catalogo teem os n.os 127 e 128. Appareceu perto da Ermida de Nossa Senhora da Gloria, junto de Evora. Tem uma inscrição mutilada por estragos do tempo.
Completá-la, restitui-la essa inscrição eis a difficuldade para mim. O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos, a quem pedi auxilio, tambem m'o não deu, contra minha espectativa. Julgava eu, que, na qualidade de discipulo do grande Hübner, e de ha annos devotado ao estudo especial, elle me recomporia a ins-

crição, que para mim é romana. Isto prova a difficuldade de sua leitura e me desculpa a mim, serventuario de letras, o não a poder desdobrar. Tendo que tal inscrição não é uma *marca figulina,* mas uma oração qualquer, completa, assim a deixo aos Oedipos futuros, aos Champolions actuaes.

N.º 140

Tejolo moldado, que parece refractario e que no Museu da Bibliotheca existia, havia largos annos, considerado como romano: sê-lo-ha?

Tem esta marca:

T · CARR ·

Ignora-se a procedencia d'elle.

N.º 141

Tejolo romano com forma de parallelogrammo, que foi achado junto á ermida de Nossa Senhora da Gloria, junto de Evora, em sitio onde ha vestigios de construcções romanas. Cf. n.os 127 e 139.

N.º 142

Pequeno tejolo português com esta inscrição:

AVE M | GRACE

Não sei onde appareceu.

N.º 143

Parte de um tejolo romano, moldado, com lavores reintrantes.

Appareceu entre Arraiolos e as Ilhas, agrupamento de casas, proximo da villa.

N.° 144

Fragmento de um tejolo, achado a 4 metros de profundidade no sitio do antigo castello de Evora.

N.° 145

Pequena figura, em jaspe, representando mulher nua, velada de um sendal na cintura, e coberta a cabeça de um chapeu commum. Sustem na mão do braço direito (mutilado) um objecto, que não determino, e com a esquerda leva aos labios outro objecto, que tambem não conheço, por mutilado.

Não sei de onde viera para o Museu, como sei que me dá a lembrar peça de presepe, producto da coroplastica portuguesa, que assim como em França tivera aperfeiçoamentos nos cuidados de Palissy e em Inglaterra nos de Wedgood, de suppor é que os tivesse em Portugal. Faz a coroplastica uma subdivisão da ceramica, como é sabido, tal como a faiança, aperfeiçoada por Vandelli em Coimbra no seculo XVIII.

N.° 146

Martyrio de Santa Agueda, em jaspe, ou massa especial. Parece ser trabalho indiano, como o referido sob o n.° 116. Cortam-lhe um peito. É formosa a resposta por ella dada ao tyranno, que se lê na *Acta Sanctorum:* «Impie, crudelis, et dire tyranne, non est confusus amputare in femina, quod in matre suxisti?»

Santa Agueda festeja-se em 5 de fevereiro.

Não sei de onde viera para o Museu.

N.° 147

Pequena figura de S. Jorge a cavallo, erguido em jaspe. Grosseiro desenho e execução.

Não sei de onde viera para o Museu, como assinalar o seculo d'este trabalho, não repugnando que seja do reinado de D. João I, epoca em que, talvez, por devoção da Rainha, começara a ter mais culto em Portugal o santo, cujo nome já servira de grito de guerra aos nossos na batalha de Aljubarrota, em 1385.

N.º 148

Dois medalhões, que parece serem de marmore, assentes sobre laminas ou de jaspe, ou de massa especial que o dá a lembrar, representando Socrates e Thales de Mileto. Teem os n.os 160 e 161, e ha mais quatro, que representam Juba, Junior, Lucius Appuleios, Aristippus e Archytas. Bem conhecidos são os primeiros.

Juba, deve ser o segundo rei da Mauritania, filho de outro, cujas obras literarias e scientificas foram dadas á estampa em fragmentos, por C. Muller, em Paris, 1849, *Fragmenta historicorum graecorum*.

Lucio Appuleio é o conhecido autor do *Burro de Ouro,* de que ha traducção portuguesa.

Aristippo, philosopho, é o typo do lisonjeiro de grandes, a quem, por isso, Diogenes chamara o *Cão real*.

Archytas, de Tarento, é o philosopho e sabio a quem se attribue o parafuso, a roldana e a matraca, alem de outros descobrimentos em geometria.

São bem feitos estes bustos, que deverão ser de industria italiana da ultima metade do seculo XVIII, como d'ella são outras falsificações, taes como raros numismas dos quaes um, de Salomão, existe na Bibliotheca de Evora[1].

Não sei quando nem como entrariam no Museu, lembrando que fossem comprados por Cenaculo, o grande Arcebispo de Evora, e talvez ao seu agente em Madrid, Manoel de Vilhena Mousinho.

N.º 149

Cabeça de mulher romana (?), grosseira e de primitivo labor. Ignoro a procedencia.

---

[1] Basta lembrar os nomes de Michel Durieu e Cogornier, na Italia, e o de Carteron, na Hollanda. (Medeiros Botelho, *Geographia*).

N.º 150

Leia-se o que se escreveu sob o n.º 148.

N.º 151

Busto de D. Mariana Victoria, Rainha de Portugal, ou da filha, D. Maria I, em marmore ou jaspe fino. Dá a lembrar o ter sido offerta feita a D. Fr. Manoel do Cenaculo, como mestre que foi do Principe D. José, morto no verdor da idade. É de suppor que o trouxesse comsigo para Evora este respeitavel prelado.

N.º 152

Mão e parte do braço direito de uma estatua romana, maior que o natural.

Não sei de onde veiu para o Museu.

N.º 153

Fragmento de mosaico romano (*pavimentum tessalatum*) trazido de Beringel em 1864.

N.º 154

Cabeça romana, em marmore, de um homem com os cabellos cortados (*tonsus*) pura infancia da arte.

Ignoro a sua procedencia.

N.º 155

Fragmentos de mosaico romano (*pavimentum tessalatum*).

Foi achado em Troia, defronte de Setubal, e offerecido ao Museu pelo Sr. Gabriel Pereira.

N.º 156

Fragmento de um pavimento romano (*tesseris structum*) composto de pedrinhas quadradas, de côres.
Não sei de onde viera para o Museu.

N.º 157

Fragmento de um pavimento romano (*vermiculatum*) achado na herdade da Fonte Coberta, a 4 ou 5 kilometros ao sudoeste de Evora. Representa peixes.
Esta herdade é celebre em nossa historia, por querer a tradição que ali se propinasse veneno a D. João II, Rei de Portugal.

N.º 158

Estatua jacente de um Bispo da Igreja de Evora, posterior a 1283, que poderá ser a de D. Geraldo, assassinado em Estremoz, ou a de seu antecessor, D. Fernando, segundo na serie dos d'este nome. Como não tem inscripção nenhuma, tranamos em mar de conjecturas. Não deve ser a de D. Pedro II, que lhe fez a crasta, e falleceu no 1.º de julho de 1340; porque essa lá está na Sé sobre seu tumulo:

ERA : M : CCC : LXX : VIII : ANOS : SABADO : PM̃ | EIRO : DIA : DE : IVLHO : PASOV : DOM : P^O^ : BP^O^ : DEVORA : etc.

O ser ella de algum bispo anterior a D. Durando não é muito crivel, porque não tem apparecido nenhuma no local onde estivera a primitiva Sé, dado que se começasse a edificar logo depois da conquista aos arabes, no anno de 1166, e nem é natural que a removessem para a capella-mor da Sé de D. Durando, unica parte d'ella que se fez de novo no seculo XVIII. Seja, porem, de qual for, revela mais arte, está menos tosca no panejamento das vestes, mais perfeita nas erguidas feições do morto, dando assim a lembrar mais proximidade de nossos dias.
Foi depositada no Museu pelo Cabido.

N.º 159

Modelo em marmore e em jaspe de um monumento funebre erguido á memoria do Principe D. José, no qual se lê:

IOSEPHUS BRASILIARUM PRINCIPES. | MULTIS ILLE BONIS FLEBILIS OCCIDIT.

Trabalho de grande perfeição e de bom gosto artistico. É de crer que o trouxesse comsigo Cenaculo, em 1802. Já lhe faltam insignificantes peças, sem grande importancia.

Talvez fosse offerta de Sir Wiliam Beckford, que muito tempo viveu em Portugal, em Lisboa, e que se crê muito estimado fôra de Principe. É provavel que seja trabalho inglês. No livro: *Á Côrte da Rainha D. Maria I,* 1901, descreve Beckford uma entrevista que tivera com o Principe, em Cascaes.

Em abono da conjectura, de ser trabalho inglês, vem o parecer maduro do Sr. Ramalho Ortigão que o considera obra do celebre Palissy inglês, Joseha Wedgood, fallecido em 1795.

N.º 160

Medalhão representando Socrates.

Ignoro a sua procedencia.

N.º 161

Medalhão representando Thales.

Ignoro a sua procedencia.

N.º 162

Quadro de azulejos espanhoes (seculo XVI) representando Santo Antonio com o Menino ao collo. Valioso.

Veiu do demolido Convento do Paraiso, de Evora.

N.º 163

Quadro composto de quatro azulejos espanhoes (seculo XVI) representando o Espirito Santo.

Veiu do demolido Convento do Paraiso, de Evora, onde estava por cima do pulpito.

N.º 164

Quadro representando a Annunciação da Virgem em seis azulejos, num todo architectonico. É do seculo XVI.

Raro objecto, que parece ter tido congenere no que possuira El-Rei o Senhor D. Fernando.

Estava na claustra do Mosteiro de S. Bento de Castris, extramuros de Evora, e foi á Exposição de Arte Ornamental, em 1882, em cujo catalogo é mencionado na sala L, n.º 172.

Depois da Exposição ficou em a Bibliotheca de Evora, de onde ora passou para o Museu.

N.º 165

Trasfogueiro de ferro fundido, apparecido em Evora em 1901, quando por conta das obras publicas se procedia a um reparo nos baixos do Paço Archiepiscopal, que serviram de antigas cozinhas. Bom desenho no estylo de Luis XIV (*rocaille*). Representa: mulher assentada, vestes largas; com a mão esquerda soergue os vestidos e na direita empunha uma haste, encimada de um chapeu popular, por baixo do qual se lê isto: PRO PATRIAE. Adeante d'esta mulher foge um leão, com o fulmen na garra esquerda e com uma espada na direita: por cima, nuvens, e por baixo, uma paliçada com uma cancella ao meio. No centro dos desenhos inferiores, um A.

Interpreto: symbolo da revolta popular em favor da patria portuguesa contra Castella, quer fosse a de 1637 pelo Duque de Bragança, quer a anterior por D. Antonio, Prior do Crato, como suggestiona aquelle A.

A mulher, a revolução, com o symbolo da força popular: o chapeu á Mazaniello, e o leão, fugindo raivoso ante aquella mulher, o reino de Castella, humilhado de um punhado de valentes, em 1640. Isto será, rejeitado o alvitre de D. Antonio, que houve dynastia ephemera, para ser de doze reinados a nascida com o Duque de Bragança.

Singular e bonita peça, a que chamo trasfogueiro, por eu não conhecer outro, que melhor lhe frise, embora a stricta accepção do termo seja a do torso de madeira, a que nas lareiras das chaminés se encosta a lenha, por melhor arder.

Nas chaminés do Alemtejo ainda hoje se embebe nas lareiras um tejolo, ou pedra, a que dão o nome de *boneca,* talvez por ter uma forma, que dá a lembrar, toscamente, um corpo com cabeça.

N.º 166

C · IVLIVS · PRO | CVLVS · TAPO | RIE · F · ANN · + + | H · S · CVR · | PATER

Curiosissima inscrição mortuaria, gravada em ardosia, achada num cemiterio romano-christão, junto de S. Pedro do Corval, estrada de Mourão. Vazada em moldes pagãos, já não tem o *D. M. S.* (Diis manibus sacrum); mas a configuração das campas christãs: mais larga em cima e mais estreita em baixo, ao modo da forma do corpo humano. Caracterizando mais a transição para o christianismo, tem na parte superior dois triangulos para nelles se poder gravar o *alpha* e *omega* (principio e fim) que nas campas christãs primitivas se costumava gravar.

A rastrearem estas considerações a verdade, e a ser posterior á conversão de Constantino ao Christianismo (312), pertence á epoca dos godos e nella fica.

Foi offerecida ao Museu pelo Sr. Dr. Adriano Augusto da Silva Monteiro, filho de Evora.

N.º 167

Brasão de armas dos Castros (Condes de Basto): de ouro, treze arruelas de azul; timbre, leão nascente de ouro, armado

e linguado de vermelho. (Sr. Dr. Braamcamp Freire, livro I, dos *Brasões da sala de Cintra*).

Provém o 1.º Conde de Basto (12 de outubro de 1583) do capitão da gente de guerra da cidade de Evora, D. Diogo de Castro, filho de D. Alvaro Pires de Castro e de D. Maria Lobo, filha do 1.º Senhor de Alvito e Villa Nova e de sua mulher, Aldonça Martins Toscano.

Estava este brasão sobre o portão de entrada de oeste do palacio dos Condes, em Evora.

Foi offerecido ao Museu pelo Sr. Vicente Rodrigues Ruivo, que comprara o palacio ao ultimo Marquês de Vallada, cujo era o morgado de Evora.

N.º 168

Tres formosas cabeças romanas de imperadores, vindas de Madrid a D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, no anno de 1796, sendo este Bispo de Beja.

Foram adquiridas por Manoel de Vilhena Mousinho, que lh'as enviou em agosto d'aquelle anno. Veja-se n.º 118.

N.º 169

Duas elegantissimas columnas, da ordem composita, quadradas, com estrias, que fizeram parte das tres que sustinham o tecto de carvalho do refeitorio do Convento do Paraiso, de Evora. Para Lisboa e para a Academia das Bellas Artes ouvimos que fôra uma d'ellas.

Conservam-se erectas sob um trecho do proprio tecto de carvalho.

São de merecimento artistico.

N.º 170

Fecho de abobada que tem esculpida em relevo uma cabeça coroada, de meio perfil, com tres espadas convergentes para o rosto.

Foi desenhado na collecção do Museu *Sisenando*, e veiu de Beja em 1868.

N.º 171

Cruz do Santo Sepulcro, em marmore, vazia como a pulmella com quatro cruzes pequenas, iguaes na forma á maior, nos angulos d'ella.

Não sei de onde veiu para o Museu.

N.º 172

Pia de agua benta, com alguns lavores, em fino marmore, que foi do Convento do Paraiso, de Evora, actualmente demolido.

N.º 173

Brasão de armas dos Sousas: escudo esquartelado: no primeiro e alterno as armas reaes e no segundo e seu contrario os leões dos Silvas.

Encimava o portão de entrada do palacio que foi do Marquês de Monfalim, e se vendera ao Sr. Antonio Simões Paquete, cujo filho, de igual nome, o offerecera ao Museu.

Na parte do palacio, que da primitiva só tem a escada de entrada de granito e uma varanda no alto d'ella, está hoje o Hotel Eborense.

N.º 174

ECCE PATRONI, FRATRES | NOSTRI (REDITE GRATES) | RIDET LANDIM OPIBUS, | LUCET ET ISTA DOMUS · | M · D · CC · L · XX · II ·

Do lado opposto tem esta pedra um vigoroso desenho, representando uvas e parras em saliente esculutura. Estilo grego. Vê-se que o marmore, em que é lavrada a inscrição, fôra de obra antiga de muita perfeição artistica, razão porque se lhe conservam patentes as duas faces.

Deve ter vindo para o Museu do Convento de S. Francisco.

N.º 175

Torso de estatua de marmore, mutilada pela cintura. Bom trabalho. Aventa o Dr. A. Filipe Simões a ideia de que possa ser de Cybele.

Appareceu no Valle de Aguieiro, a 3 kilometros de Beja no caminho de Evora, e na quinta do capitão João Manoel da Veiga, em sitio que a D. Fr. Manoel do Cenaculo pareceu ter havido uma naumachia romana.

Veiu de Beja em 1868.

N.º 176

D · M · CANIDIAE ALBINAE | C · M · F · MATRI CATIN | CANIDIANI · C · M · V · | CONSOBRINI SVI | CATINIA · M · FIL · | ACILIANA · C · F · | S · P · F ·

Lindo e custoso cippo achado em Evora junto á Igreja de S. Vicente, de onde foi levado para o Pateo de Valverde, passal dos prelados eborenses, por ordem do Bispo D. Affonso, filho do Rei D. Manoel, de onde ora voltou por concessão de S. Ex.ª o Sr. D. Augusto Eduardo Nunes. Devia ter tido um busto de Canidia, porque tem o logar em que elle assentaria.

É uma das mais bellas lapides da collecção.

Fica em deposito.

N.º 177

D · M · S · | ASINIVS | FLORENTIN | VS ANNO · XXXXV | H · S · E · S · T · T · L ·

Cippo marmoreo que apparecera em Evora junto á Igreja de S. Vicente, mandado para o Pateo de Valverde como o que tem o n.º 176.

Está muito mal tratado. Foi mandado recolher no Museu pelo Sr. Arcebispo D. Augusto Eduardo Nunes, onde fica em deposito.

N.° 178

Grande leão de marmore, por cuja boca saíam aguas da Prata no antigo portico romano, que o Cardeal D. Henrique, quando Arcebispo de Evora, mandou demolir na praça d'esta cidade. Não ficou á posteridade noticia descritiva d'este portico, que parece ter tido duas ou mais ordens de columnas. É provavel, por muito natural, que as aguas da Prata, que vinham cair em grandes tanques em volta do templo romano, ainda existente em consideraveis restos, d'ali irradiassem para differentes pontos da cidade, sendo um d'elles a praça principal della. Diz a tradição que dois leões, menores na corpulencia e mais imperfeitos, por cujas bocas sae agua no chafariz chamado dos Leões, extramuros da cidade, tambem fossem do mesmo portico da praça.

N.° 179

D · M · S · | M · L · FILIA CV | PITA · ANN · XXXIIII | Q · L · N · MARITE ET | ANTONIA FVNDANA | ET MVMIA RVFINA | FILIAS MATRI PI | ISSIME · POSVE | RVNT · | H · S · E · S · T · T · L ·

Veiu de Beja em 1868. Fizera parte do Museu *Sisenando.*

N.° 180

L · VOCONIO · L · F . . . . | QVIR · PAVLLO · AED · C . . . | II VIR VI · FLAM · RO I . . . | DIVORVM · ET · AVGG . . . | RAEF · COH · I · LVSIT · ET COH . . . | VETTONVM · 7 · LEG · III · ITAL . . . | OB · CAVSAS · VTILITATESQ · PVB . . . | CAS · APVT · ORDIN · AMPLISS . . . | FIDELITER · ET · CONSTANTER | DEFENSAS · LEGATIONE · QVA GRA | TVITA · ROME · PRO · R · P · SVA EVANCT · ES | LIB · IVL · EBORA | PVBLICE IN FORO ·

Inscrição das que Hübner considera apocriphas.
Veiu da antiga casa da Camara, na Praça de Geraldo.

N.º 181

DIVO · IVLIO · | LIB · IVL · EBORA | OB ILLIVS IN MV | E · MON · LIBERALITA | TEM · EX · D · D · D · | QVOIVS DEDICATIO | NE · VENERI GENE | TRICI DONVM MA | TRONAE CESTVM | TVLERVNT ·

É uma das inscripções que Hübner taxa de apocriphas. Veiu da antiga casa da Camara.

N.º 182

D · M · | MVMIVS · CR · | SIMVS · AN | XVI | MVMIA | FVNDANA | LIBERTO · M · | RENTI · PO | H · S · E · S · T · T · L ·

Vem esta inscrição na *Viagem,* de Murphy, e veiu de Beja em 1868, onde fizera parte do Museu *Sisenando Cenaculo Pacence.*

N.º 183

Capitel no estylo grego, notavel por ter em cada angulo dois meninos nus, como conjugados, de cabeça pendente ao lado, e que assim sustentam o abaco.
Veiu do demolido Convento do Paraiso, em 1902.

N.º 184

Fecho de granito grosseiro de um artesão de capella do demolido Convento de Santa Catarina, de Evora, padroado da casa Vimioso, fundação do seculo XVI.

N.º 185

Formosa cabeça de S. Pedro (?) pintada sobre massa, talvez cal e gesso, que fôra do demolido Convento de S. Francisco, de Evora.

É um fresco notavel, que parece ser um bello exemplar da encaustica portuguesa, ao attentar-se na dureza da superficie, sobre que está a pintura.

Offerecido ao Museu pelo Sr. Dr. Caetano Xavier de Almeida da Camara Manoel.

N.º 186

Bloco de tejolos romanos argamassados com *beton*, que deveria fazer parte do cano de esgoto das aguas do portico celebrado, que houve na Praça de Evora, e fôra demolido pelo Cardeal Rei. Demonstrado, como está, que as aguas do aqueducto antigo vinham cair em tanques em volta do templo pagão, ainda subsistente em parte, e d'ali, por ser o ponto mais alto da cidade viriam ao chafariz do portico, este cano, em descida, não podia ser senão o da saida das aguas superabundantes d'elle, pela carencia de conhecimentos hydraulicos dos romanos, cuja sciencia estava atrasada.

Appareceu na Rua Ancha, ou de João de Deus, ao fazer-se nella um collector, em 1902.

N.º 187

Tres misulas de granito, que foram dos antigos paços reaes na Praça de Geraldo (Estaos) transformados em 1830 no actual predio nobre, pertencente ao Sr. Miguel Fernandes de Matos. Representam duas d'ellas rostos humanos de grosseiro desenho e execução imperfeita, e a terceira tem saliente um leão sobreposto a estes caracteres:

Y^{o}_{z}

que bem se podem ler: *João 2.º*

Impossivel é hoje o escrever a historia da primitiva fundação dos Estaos, e suas reconstrucções e acrescentamentos.

Foram offerecidas ao Museu pelo Sr. Miguel Fernandes, que é seu dono.

N.º 188

Fragmentos de tres laminas de marmore mal faceado, grandes tejolos e tres gatos de ferro, de um sarcophago romano achado perto de Arraiollos, em 1868.

Cf. *Archivo Pittoresco,* tomo XI, pag. 27, e *Relatorio* do Dr. Augusto Filipe Simões.

N.º 189

QVISQ PRAET........ | SITAM VIATO......... | TERMINE LEGERI...... | ME AETATIS VICESSIM... | DOLEBIS ET SI SENSVS ER... | MEAE QVITIS QVE LASSO.. | TIBI DVLCIVS PRECABOR... | VIVAS PLVRIBVS ET DIV... | NESCAS QVA MI..... | ICV... FRVARE VITA.... | ..EFLERE IVAT QVITN.... | TIS ANN INACHVS HAEC M... | ..IO FACI IPOTIVS PROPERA... LA | ..EGIS IPSE LEGERISI NICE A XXV.

Hübner considera esta inscrição composta de versos, hendecasyllabos, que, restituidos, começam:

Quis*que* praet*eries* sitam viator,
Si cum termine legeris *peremptam,* etc.

Veiu de Beja em 1868, e ali appareceu no Rocio, em 1794.

N.º 190

D · M · S · | SILVANVS ATIL · | PRISCILLAE | VIXIT · ANN · XXXX | ATILIVS CHRESINV | BENEMERENT NACI | 9 A II H · S · E · SIT · T · T · L ·

Appareceu junto de Arraiollos e foi offerecida por 1870 ao Museu, pelo fallecido João de Mello Mexia.

Vem nas *Artes e Letras,* de 1873, pag. 130.

N.° 191

D · S · TVRIBRICI | L · A NONIVS | . . . . O

Ignoro a procedencia d'esta lapide, que parece referir uma divindade local, como aventura o Sr. Gabriel Pereira.

N.° 192

D · M · S · | L · F · ELICON | AN · L^X XXXV | H · S · E · S · T · T · L · | PO · PIALEI | MARITO · P · F · C ·

Appareceu junto á Misericordia, na muralha romana, de que fazia parte, ahi por 1870. Sempre a evolutiva destruição do passado! As memorias dos passados a servirem de material de construcção aos successores d'aquelles.
Vem nas *Artes e Letras,* de 1873, pag. 130.

N.° 193

T · CALLEVS | MARCIANVS | ANN · XX · H · S · E · S · T · T · L · | CAS · MARCELLA | SOBRINA · F · C · | ITEM AMICI | NEMESIACI | EX LAPIDE SNII ·

Appareceu junto á Misericordia de Evora, onde fazia parte da muralha romana.
Vem nas *Artes e Letras,* de 1873, pag. 130.

N.° 194

D · M · S · | L · FABIVS VA | LERIANVS | ANN · LVIII | IVL · ALEXANDRI | NA · MARIT · PIEN | TISSIMO · FECIT | H · S · EST · S · T · T · L ·

Appareceu junto á Misericordia de Evora, na muralha romana, servindo de material de construcção d'ella.
Vem nas *Artes e Letras,* de 1873, pag. 130.

N.º 195

D · M · | CAECILIO · P · F · | HERMITANO | V · A · II · M · XI · D · XVII | P · CAECILIVS | SILICIANVS · FRATER ATIVS V · A · VII · M · IIII · D.VI | HERMES | PATER FECIT

Foi desenhada na *Viagem,* de Murphy, que diz ter esta lapide pertencido ao Museu *Sisenando Cenaculo Pacence,* apesar de não estar na collecção de desenhos respectivos. (Codice da Bibliotheca de Evora, $\frac{\text{CXXIX}}{\text{1-14}}$).

Devia ter vindo de Beja, em 1868.

N.º 196

DIS MANIB · | L · COMINI | EXPECTATI | IVSTVS | ET AVGVSTANVS CVM | COMINIA | MATRE | PATRI OPTIMO.

Vem esta inscripção desenhada na *Viagem,* de Murphy, que diz pertencer ella ao Museu *Sisenando Cenaculo Pacence,* de Beja, não obstante o não apparecer nos desenhos do Codice da Bibliotheca de Evora, $\frac{\text{CXXIX}}{\text{1-14}}$.

Devia ter vindo de Beja, em 1868.

N.º 197

D · M · S · | CLARIANO A | IAISL

Fragmento de memoria sepulcral, gravada em marmore. Ignora-se a sua proveniencia.

N.º 198

TIVS SEVERVS | EQVES ROMAN | VS · V · S · L · M ·

Fragmento de cippo ou altar, como lhe chama Hübner. Conservou-se em casa do Mestre André de Resende até 1868 ou 1869, anno em que, a pedido do Dr. Augusto Filipe Simões, foi cedido por Duarte José da Assunção.

N.° 199

D · M · S · | L · CAE · SI · VS · CAE · SI · A... | A · LX · CAE · SI · AVERNACIA | LI · BER · TA · F · C · | H · S · EST · T · L ·

Pequeno e formoso cippo marmoreo, que pena é ter uma fractura, que lhe levou algumas letras.

Appareceu em Evora na muralha septentrional do Largo de Diana, quando ali se fizeram obras em 1863.

N.° 200

Grimpa de ferro, engastada em pedra, que foi ou da antiga cadeia de Evora, talvez construcção do reinado de D. Affonso V, ou da casa da camara, construcção do começo do reinado de D. Manoel. (Cf. *A Aurora,* periodico literario de 1846, artigo de J. H. da Cunha Rivara sobre João Mendes Cicioso).

Em 1468 Fernão de Mello pedia ao rei auxilio para fazer uma cadeia nova. (Cf. *Documentos da cidade de Evora,* publicados por Gabriel Pereira).

N.° 201

Janela grande de marmore, que teve peitoril de ferro, bipartida de um columnelo com capiteis no estilo arabe, tendo embutidos na soleira pequenos azulejos de lavores altos. Foi chamada «da Rainha» nos paços reaes de S. Francisco, na parte que olhava a oriente para a rua chamada «do Paço», modernamente do «Marquês de Pombal», onde hoje existe o Asylo de Infancia Desvalida mandado construir pelos esposos Dr. Francisco de Barahona e D. Inacia Fernandes de Barahona.

N.° 202

Tres arcos ogivaes, de granito, que foram da claustra do Convento de S. Francisco, de Evora, comprado em ruinas pelo Sr. Dr. Barahona, para ser convertido nos excellentes predios, que lá existem. Fôra esta claustra construida no seculo XIV.

Veja-se o n.° 49 d'este catalogo.

N.º 203

Elegante janela de marmore, que foi do palacio de D. Manoel. É muito parecida com duas que lá existem ainda na cupula do atrio da porta principal.

Veiu para o Museu quando no palacio se fizeram obras, ha poucos annos.

N.º 204

Pesado cofre de ferro batido, que se diz ter pertencido á Inquisição de Evora, e nos ultimos tempos servia na pagadoria do districto de Evora.

Tem todo elle um *facies* de maior antiguidade, e não repugna que venha do tempo de D. Sancho I, que, como é sabido, deixou ás filhas e a hospitaes grandes sommas que accumulara nos castellos de Belver, Coimbra e Evora.

Peça de grande solidez, é ainda chapeada de grossas vergas de ferro sobrepostas e tem, em duas de quatro fechaduras, a forma de escudos, coroados de flores de lis, aldrabas grossas, etc.

N.º 205

IOANNES · III · LVSITAN · INDIAR · ET · IN · AFRICA · REX · | CELEBREM AQVAE ARGENTEAE · DVCTVM A Q · | SERTORIO AN · LXXV ANTE · D · CHRISTVM NATVM | EXTRVCTVM BARBARIE ET ANTIQVITATE FVNDI | TVS DEMOLITVM NOVA FORMA LIBERALI IMPENS | SA MAIORI AQVARVM COPIA ADIECTA XVII MIL | PASS · DVCTI VERVS P · P · IN VRBEM REDVXIT | AM · SALVTIS M D XXII.

Tambem é das apocriphas esta inscrição, inventada por alguem, que não devia ser André de Resende, ao tempo muito novo ainda e fóra de Portugal, em seus estudos.

N.º 206

Q SERTOR............. | HONOREM NOMINIS SVI ET COHORT FORT..... | EBORENSVM MVNI VET EMER VIRTVTIS ERGO | DON BELLO CELTIBERICO DE QVE MANVBIIS | IN PVBLIC MVNIC EIVS VTILITATEM VRB.. | MOENIVIT EOQVE AQVAM DIVERSEIS IN DV CT... | VNVM COLECTEIS FONTIB PERDVCENDAM CVRAV.

É uma das inscripções, gravada em marmore, que o Mestre André de Resende inventára para maior lustre da sua patria.
Estava na antiga casa da camara, na Praça de Geraldo.

N.º 207

PHILIP · II · AQVAM A SERTORIO AB AGRIS | OLIM DIVORVM NVNC ODIVOR PERDVCTAM | ET A IOANNE RESTITVTAM REGNI ET PIE | TATIS HAERES MVNIFICENTIA REGIA CONS | ERVANDAM CVRAVIT BENEFICIS BENEFICVS | PONI STATVIT CIPPIS EBORENS ANTIQVAM | NOBILITATEM ATTESTANTIBVS FORVM | ILLVSTRAT ANNO DOM · M D C V.

Estava no edificio da antiga camara municipal esta inscripção, gravada em marmore. Refere-se ao aqueducto romano, que querem fosse construido por Sertorio, facto mal determinado, como o da sua residencia em Evora.

N.º 208

C · MINVCIVS · C · F · | LEM · IVBATVS... | LEG · X · GEM · QVEM | CONTRA VIRIAT · | VOLNERIB · SOP | TVM IMP · CLAVD | VNIMA · PROMOR | TVO DERELIQUIT | EBOR... LITIS LVSI | TANI OPERA · SERV · | ...RARIQ · IVSSVS | PAVCOS SVPER · DI | ES MAESTVS · OBII | QVIA BENEMER.... | GRAT · NON RETV.

Apocripha.

N.º 209

Duas meias portas de castanho, chapeadas de ferro lavrado nas orlas. É um primoroso trabalho da siderurgica nacional e muito parecido com o que ha na Sé d'esta cidade, tanto nas grades da pia baptismal, como na porta que dá para a subida da vestiaria e do côro. Sendo as grades da pia obra de D. Affonso de Portugal, 1485–1522, cujas armas tem, não repugna que esta porta seja mandada fazer pelo mesmo bispo.

No ultimo numero da *Arte Portuguesa* vem uma perfeita estampa, que a representa, com um artigo do Sr. Gabriel Pereira.

N.º 210

.... CILIO · Q · F · | VOLVS... AEF.... | COH I C R SEX | PROVOC VICTORI | DON DONATO AB | IMPER... II HAST | PVR III VEXIL... | ... CIVI IMVR | IIII OBSIIT... NIB... | HIS IN REP · S.FVNC | EBORENS CIVI OPT | ... MERITA EIVS IN | MVNIC MARMOR | BASI AENE D · D ·

É considerada apocripha esta inscrição, em marmore.

N.º 211

D · M · S · | C · ANTONIO · C · F · FLA · | VINO · VI VIRO · IVN | HAST : LEG · II AVG · TORQ | AVR · ET · AN · DVPL · OB VIRT | DONATO · IVN · VERE CVN | DA · FLAM · PERP · MVN EBOR | MATER · F · F ·

É uma das inscripções suspeitas, segundo Hübner, que se conservava no antigo edificio da camara municipal.

Foi encontrada no sitio chamado Mesquita, na estrada de Monsaraz.

N.º 212

T + ONIO CIIO | NICO · EIAI | VIRII A... IIR | FAC... E P | QVVRI... OC | GRECI SIBI C | LONGISSIMA

Fragmento de uma inscripção, que estava num tanque do Convento do Salvador, de Evora, edificado no sitio em que a tradição eborense quer que fosse o palacio de Sertorio, facto que a historia não autoriza. Naquelle terreno foi a casa nobre de D. Nuno Martim da Silveira (que jaz na capella-mor da igreja de Goes) de onde procedem os Condes de Sortelha.

Parece mutilada nas partes superior, lateral e talvez inferior.

N.º 213

SANCTA | ..NESO | ..CESIO | SACRV | G.. LIC... | QVINT | CIAV V | BALS...

Memoria votiva consagrada ao deus lusitano *Neso Cesio.* Leitura do grande mestre o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos.

Gravada em marmore avermelhado, foi achada na herdade de Claros Montes e offerecida ao Museu pelo Sr. Joaquim de Matos Fernandes.

N.º 214

D · M · S · | ... IVLIVS... EBO... | ... XXXV...... | SITL......... | ... IV.......

Offerecida pelo Sr. Fernando Palma.

Veiu de Reguengos.

N.º 215

HAROFÉ NEEMAN | LECAH LEELEF HASSI SSI.

Tal é a inscrição hebraica, gravada no torso de columna ou cilindro, de marmore, que foi lida em 1883 pelo Reverendo Jacob Toledano, chefe da colonia israelita em Lisboa, d'este modo: «o fiel medico no cento e trinta e outo do sexto seculo», que parece corresponder a 5138 da criação do mundo e ao anno de 1378 de Christo. A palavra *neeman* só é indicada pela primeira letra.

Vem publicada nas *Catacumbas,* de A. F. Barata, a pag. 39.

Appareceu em Beja, nos fins do seculo XVIII, nas casas de Manoel de Goes, situadas na Rua da Fabrica

Veiu para o Museu em 1868.

N.º 216

Antiga grade de ferro de uma janela de Evora. Curioso trabalho em ferro batido, que muito honra a siderurgica nacional.

Não sei de onde veiu para o Museu.

N.º 217

Tres pipotes de barro avermelhado, de dimensões varias, imitando os de madeira, com bocal largo para batoque, e sem outro orificio.

São producto das olarias de Beringel, no districto de Beja, que muito floresceram até o meado do seculo XVIII, tendo á sua frente um allemão de appellido Hofmann, que o Marquês das Minas sustentava, como donatario da villa. Parece que seriam para guardar vinagre. (Cf. *Catalogo do Museu Archeologico de Beja,* fasc. 1.º, pag. 41).

Não sei de onde vieram.

N.° 218

Amphora de barro vermelho, partida na parte superior.
Ignoro a sua procedencia.

N.° 219

Amphora de barro vermelho, achada perto de Evora, em 1870, em uma horta que foi do fallecido José Joaquim Ramos e hoje é de um militar de appellido Andrade.

Deu ella origem a pugna literaria entre os fallecidos Dr. Augusto Filipe Simões e Augusto Soromenho, cujas cartas se publicaram na *Revolução de Setembro*, e que terminou por doença gravissima no primeiro dos lutadores, causada não das forças do adversario, mas da qualidade das armas, muitas vezes improprias de homens, que deviam prezar a decencia e dignidade das letras. *Quandoque bonus dormitat Homerus.*

É-me doloroso, sobre muito consolador, o recordar a parte pacifica que tomei no combate.

N.° 220

Amphora de barro vermelho, apparecida na herdade da Curraleira.

Offerecida por J. S. Limpo Esquivel, notavel filho de Evora, de aptidões varias, já fallecido.

N.° 221

Arca de castanho chapeada de ferro, com tres fechaduras, que foi do Arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, o avô do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, tronco feminino da

actual dynastia portuguesa (1326–1348). Tem esta inscrição, restaurada com exactidão sobre a primitiva, meio apagada:

CAIXA · DO DE | POZITO DA CAPELA DO | ARCEBI | SPO DÕ GONÇ | ALO PEREIRA.

Appareceu á venda na loja de um ferro-velho de appellido Teia, em Evora, a quem foi comprada por 1$000 réis pelo autor d'este catalogo. Restaurou-lhe a pintura o pintor Forjaz, consistente naquella inscrição, nas armas dos Pereiras e nos enfeites lateraes.

Como viria parar ao Alemtejo esta reliquia?

Onde achada pelo Teia? Talvez em Flor de Rosa, ou circumvizinhanças.

N.º 222

Pequeno vaso romano, com forma de amphora ou diota, sem asas nem collo comprido, talvez fracção do sextario, ou a hemina. Tem vestigios de ter sido pezgado por dentro, como de ter estado lacrado, com a mesma materia, ou com uma especie de lacre.

Appareceu na herdade das Morjoannes, freguesia de S. Vicente de Vallongo, no concelho do Redondo, em 1878. Foi offerecido ao Museu pelo fallecido José Paulo de Barahona de Carvalho e Mira.

N.º 223

Vaso romano, com forma cilindrica, de terra-cotta, com vestigios de ter tido superiormente uma pegadeira, e cheio de buracos em volta. Dá a lembrar a *trulla* dos romanos, que servia para transporte de materias igneas, quer fossem brasas, quer uma luz. Tem partida uma parte, em que teria uma abertura para entrada do conteudo. Internamente, são palpaveis, visiveis os indicios de ter saido fumo pelos buracos

superiores. Sería um perfumador? Sería a bruxa, usada nas Beiras contra o frio?

É objecto singular, tivesse elle que applicação tivesse, e seja qual for seu nome.

Ignoro a sua procedencia.

N.º 224

Cinco bucranios e quatro rosaceas de granito, que talvez fossem do templo romano.

Faziam parte do revestimento externo da varanda dos antigos paços do concelho, na Praça de Geraldo, de Evora, que era sobrepujado das inscripções romanas e arabes, alludidas em diversos logares do Catalogo.

N.º 225

D · M · S · | L · I · POLIBIVS | ANN · LXXII | H · S · E · S · T · T · L ·

Em forma doliar, de marmore, appareceu na herdade do Paço do Conde, freguesia de Baleisão, diocese de Beja. Fez parte do *Museu Cenaculo.*

Veiu para o Museu em 1868.

N.º 226

D · M · | MARCIALI | SECVNDINA | SOROR · F · C ·

Appareceu junto á ermida de S. João, a 2 ou 3 kilometros de Jorrão.

Veiu de Beja em 1868, onde fizera parte do *Museu Cenaculo Pacense.* Vem desenhado na collecção do *Museu Sisenando* e na *Viagem,* de Murphy.

N.º 227

IOVI O · M · | FLAVIA L · F · RVFINA | EMERITENSIS FLA | MINICA · PROVIN · | LVSITANIAE · ITEM · COL · | EMERITENSIS · PERPET · | ET MVNICIPI · SALACIEN | D · D ·

Apparecera em Santa Margarida do Sado, e veiu de Beja em 1868, onde fizera parte do *Museu Sisenando.*

N.º 228

Q · POMPEIVS | .... VARI · LIB | .... VSTVS....

Veiu de Beja em 1868: fazia parte do *Museu Cenaculo Pacense,* criação do grande homem que lhe dera o seu nome.

N.º 229

D · M · S · | MERCATOR | ANN · XXXII | VXOR MARITO | MERENTE POSVIT | H · S · E · S · T · T · L ·

Este cippo, com forma doliar, appareceu na herdade da Represa, perto de Beja, onde fizera parte do *Museu Sisenando-Cenaculo-Pacense.*

Veiu para Evora em 1868.

N.º 230

Cachorro com tosca e rudimentar figura humana, de mãos postas. Perfeita infancia da estatuaria.

Appareceu numa parede da sala nova da Bibliotheca de Evora, em 1902, quando foi mister demolir parte d'ella. Não

restando a menor duvida de que no edificio occupado da Bibliotheca existiu uma igreja, que se crê fosse a primitiva Sé, e sendo aquella casa construida sobre ella para Collegio dos Meninos do Côro, que por ordem do governador do arcebispado, Fr. Luis de Sousa, foi em 1666 unido ao paço archiepiscopal, de suppor é que tal objecto fizesse parte dos cachorros ou supportes de algum antigo tumulo da velha igreja.

N.º 231

Especie de ediculo, delicadamente bem lavrado em jaspe, no estilo italiano de Miguel Angelo, representando a uma mulher, provavelmente a uma santa, que se não determina por ter quebrado e perdido um objecto que sustinha nas mãos na altura do peito. Está assentada, e veste ao modo da mulher portuguesa do seculo XVI: vasquinha larga sob uma especie de mantão, corpete justo, peitilho refolhado, gorjal encanudado ao pescoço, de onde desce uma especie de rosario com cruz pendente sobre o peito: cabellos esparsos e olhar de quem fita ao que tinha nas mãos. Dá a lembrar a Madalena, que olharia o cofre de suas joias antes da conversão.

É muito semelhante o seu estilo ao do cenotaphio do Bispo de Evora, D. Affonso de Portugal, n.º 6, e até parece ser obra do mesmo artista. Está mutiladissimo, no todo.

Achára-se em Evora, na torre do palacio que fôra de D. Nuno Martim da Silveira (de onde sairam os Condes de Sortelha) hoje edificio da camara municipal, ignoro se embebido em parede d'ella se posto ao desamparo, e foi cedido, não sei em que condições, por uma camara passada a Bernardo de Matos, que por sua morte o legára á Bibliotheca de Evora.

A torre do palacio foi mandada demolir pelo presidente da camara de então, José Maria de Sousa Matos.

Uma tradição infundada quer que ali fosse, em tempo de romanos, a habitação de Sertorio.

N.º 232

Fragmento do pedestal octogono da estatua a que fôra sagrado o templo romano de Evora, manifestando o ter sido

partido a golpes de marrão com cunhas de ferro, cujos sinaes são visiveis. Conhecem-se letras que indicam ter sete linhas a inscrição.

N.º 233

D · M · S · C · | MARIAE · VPRIPI | AQVAIE ATE | CONCESSIARV | NT · VIVERE A | NIS XXXXV BEN | EMERENTI MO | DESTVS CONIV | GI SUI POSVIT.

Appareceu no sitio de Nossa Senhora de Aires, junto de Vianna do Alemtejo, quando se construia aquelle templo em 1745. Fr. Francisco de Oliveira a fez embeber numa pilastra do adro, na frente.

Ainda hoje se evidencía o ter existido ali consideravel povoação romana.

Esta inscrição e a seguinte pertencem ao Museu, por concessão da junta de parochia; mas não vieram ainda.

N.º 234

D · M · S · | MARIVS | CETOIDES · | VIXIT · | ANNIS · | LXXXV · | H · S · E · M · S · T | T · L ·

Appareceu em 1745 no sitio de Nossa Senhora de Aires, junto de Vianna do Alemtejo, e foi, como a que tem o n.º 233, embebida numa pilastra do adro do templo referido.

Foi destinada ao Museu pela junta de parochia de Vianna.

N.º 235

Bombarda, pedreiro ou trom de ferro forjado, que foi achado na cêrca do Convento de S. Francisco, de Evora, limitada da banda do sul pela muralha fernandina, a qual na guerra da acclamação foi internada pela chamada de D. Affonso VI,

que avançou mais com seus baluartes sobre os campos, desde o *Buraco do Raimundo* até o *Hospital do Espirito Santo.*

Naturalmente fabricada em Portugal depois da batalha de Aljubarrota (14 de agosto de 1385), onde appareceram por primeira vez, trazidas dos castelhanos, se não for alguma d'ellas, que para Evora trouxessem, esta peça ainda o Conde de Mello a quis aproveitar na *Patuleia* (1846), quando esta cidade se manteve fiel á *Junta do Porto,* com aproximados 3:000 homens de diversas armas, mandados do Conde. Não podendo servir, foi de todo posta de parte.

No reinado de D. Duarte, filho do vencedor de Aljubarrota (em 1435), era mestre *dos trons* Pero Gonçalves, d'onde o lembrar ser ella portuguesa, como se disse. (Sr. Sousa Viterbo, *Fundidores de Artilharia*).

Novidade não foi o apparecimento de trons em Aljubarrota, porque já na batalha de Tarifa, ou do Salado (30 de outubro de 1340), se empregaram trons, que vomitavam ballas de ferro com *nafta.* (Cf. Conde, *Historia de la dominación de los arabes en España,* tomo III.)

N.º 236

Fragmento de marmore com estrias, de parte de um entablamento da ordem corinthia, ou jonica.

Talvez fosse do templo romano, chamado de Diana, em Evora.

N.º 237

Fragmento de marmore bem lavrado, com formosas almofadas, que bem poderia ter sido da architrave do templo romano, referido no n.º 236, ou de outro antigo edificio da Evora romana.

N.º 238

Formosa janela de finos marmores, que foi da capella-mor da igreja da Graça, convento da Ordem de Santo Agostinho. Filiam-na no estylo da renascença italiana miguel-angelesca, e

crêem alguns escritores que é exemplar unico em Portugal e raro em toda a parte. (*Atravès da cidade de Evora*, Cf.).

Foi mandada apear a expensas do Sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona, como o fizera ao tumulo-cenotaphio do Bispo D. Affonso de Portugal, e transportada para o Museu.

N.º 239

Tumulo cavado em granito com forma do corpo humano, apparecido num ediculo de uma das paredes da primitiva sé de Evora, com esta letra na face deanteira.

ANIVERSAREOS | POR FERNAM | COLOS

Aberto em 1872, continha este tumulo os restos mortaes do fallecido, de quem fala o *Livro dos Anniversarios* da sé: cranio e demais ossos, que se desfaziam ao mais leve aperto, fragmentos de roupas, com uma serie de colchetes metalicos ao longo do corpo, indicando um mantão que amortálhara o cadaver, uma lamina de faca do lado direito e alguns hippocampos espalhados sobre aquellas cinzas. Fallecera na era de 1289 (1251) aos oito das kalendas de novembro (24 de outubro).

Veja-se o n.º 52 d'este catalogo.

N.º 240

Tumulo cavado em granito, semelhante ao n.º 239, com um brasão de armas na frente: as dos Antas.

N.º 241

Pia de cimento romano, com forma circular. Guardou-se no Paço Archiepiscopal de Evora até o anno de 1864.

Crê-se que apparecera na herdade da *Fonte coberta*, a conhecida pela historia do reinado de João II, o terror da nobreza de Portugal.

N.º 242

I. O. M. | IN MEMORIAM | L. ATILI MAXIMI | SEVERIANI FIL | PIENTISSIMI | L. ATIL ATILIANOS | ET ARTVLIA | C. F. SEVERA EX | .... CENTI. LIB | ... POSVERVNT.

Veiu de Beja este cippo, em 1868. Apparecera em S. Bartholomeu de Messines, no Algarve, e fizera parte do Museu *Sisenando*.

N.º 243

Grande fragmento de *beton* romano do que revestia internamente os tanques descobertos em volta do templo romano chamado de Diana, em Evora, quando se descobriram, por 1863.

Veiu o apparecimento d'estes tanques, que de novo entulharam, demonstrar como as aguas do aqueducto romano, de Sertorio, ou não, corriam em nivel mais elevado, e vinham jorrar na mais alta parte da cidade, d'onde irradiavam para as mais baixas.

N.º 244

Capitel de columna oitavado, ou base de cruz sobre ella, mutilado de tres faces e da parte superior de todas, em que se lê em gothico quadrado o bastante para se recompor.

Suggere o appellido Figueiredo a ideia de que a inscripção fosse, *mutatis mutandis,* esta:

ESTA CRUZ MANDOU FAZER GOMES | DE FIGUEIREDO, ESCUDEIRO, RECEBEDOR | DA RAÌNHA DONA ISABEL.

Onde estaria, porem, em Evora, esta cruz ou cruzeiro? (Vide o n.º 17).

Oppõe-se, porem, á conjectura o brasão de armas de familia em que, alternando com cinco folhas de figueira, ha quatro faixas, dos Silveiras (e de outros), appellido que nem é d'elle nem da mulher, D. Leonor de Mello.

Foi Gomes de Figueiredo camareiro-mor de D. Affonso V, e depois veador da casa do filho legitimo de D. João II.

Com a moradia de 1$000 reaes o encontramos em 1475 e com a mesma em 1479, sendo armador-mor de D. João II, que o fez cavalleiro-fidalgo em 1484. (Cf. *Historia Genealogica* e Sr. Braamcamp Freire, *Sepulturas do Espinheiro*.

Respeitando a outro Figueiredo, difficil é determiná-lo.

Appareceu numa casa terrea da Rua do Fradique, em que o Sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona traz obras, e por elle foi offerecido ao Museu.

N.º 245

Porta de ferro, bipartida, que foi da antiga cadeia de Evora, demolida em 1903 a expensas da camara, para ali se construir um novo tribunal judicial.

Composta de grosseiras chapas sobrepostas e pregadas em cruz, são do mais rudimentar trabalho da siderurgica portuguesa.

Offerecidas ao Museu pelo Municipio.

N.º 246

Duas pedras de marmore com inscripções, memorando uma casa de caridade que houve na Rua do Muro, de Evora, e que foi demolida em 1903, ou adaptada a fim diverso.

Diz uma d'ellas, em verga de porta:

JOZEP IHS MARIA | 1684 | ESTA CASA SE FEZ PERA POBRES EMPOSIBLI | TADOS DE FORCAS E SE FES DE ESMOLAS

A outra em pedra quadrangular:

IHS MARIA JOSEPH | ESTE ASENTO DE CASAS SE COM | PROV DE ESMOLAS PERA SE FAZE- | R HVMA CONVALESENCA PERA | MOLHERES E SE ALARGAR A DOS | HOMES E EM QVAL QVER TEMPO | QVE OVVER OVTRO QVALQVER | ADEMINISTRADOR PODERA | NELLAS FAZER O QVE QVIZER Q | MILHOR FOR PERA A HONRA E | GLORIA DE DẼS E BEM DOS PO- | BRES EMFERMOS. 1687.

Parece que fôra um Bartolomeu do Valle quem se lembrára de tal instituição.

Foram offerecidas ao Museu pelo Sr. José Antonio de Oliveira Soares

N.º 247

Enfeites de ferro, representando pescoços e cabeças de animaes, que saíam das grades externas da velha cadeia de Evora, mandadas tirar em 1903.

Curioso trabalho em ferro batido, não obstante o ser grosseirissimo.

Offerta do Municipio.

INDICE

Nomes portuguezes:

Inscripções romanas: